

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA-INC
UNIDADE ACADÊMICA DE BENJAMIN CONSTANT
CURSO DE PEDAGOGIA**

ADRIANA MARIANO HOLGUIM

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A ALFABETIZAÇÃO DE
ADULTOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA – AM**

BENJAMIN CONSTANT-AM

2023

ADRIANA MARIANO HOLGUIM

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A ALFABETIZAÇÃO DE
ADULTOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção de nota parcial na disciplina
INP092 Orientação ao TCC no curso de
Pedagogia do Instituto de Natureza e Cultura da
Universidade Federal do Amazonas

Orientadora: Prof. Oderlene Bráulio da Silva

**BENJAMIN CONSTANT-AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

H731e Holguim, Adriana Mariano
Educação de jovens e adultos : a alfabetização de adultos em uma escola pública no município de Tabatinga-AM / Adriana Mariano Holguim . 2023
78 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Oderlene Braúlio da Silva
TCC de Graduação (Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Alfabetização. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Processo ensino-aprendizagem. 4. Metodologia. I. Silva, Oderlene Braúlio da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ADRIANA MARIANO HOLGUIM

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A ALFABETIZAÇÃO DE
ADULTOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção de nota parcial na disciplina
INP092 Orientação ao TCC no curso de
Pedagogia do Instituto de Natureza e Cultura da
Universidade Federal do Amazonas

Aprovado em 13 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Oderlene Bráulio da Silva
Instituto Natureza e Cultura/UFAM/BCT

Prof^ª. Maria Simone Ribeiro da Silva Cruz
Instituto Natureza e Cultura/UFAM/BCT

Prof^ª. Antonia Rodrigues da Silva
Instituto Natureza e Cultura/UFAM/BCT

Dedico plenamente esse trabalho de conclusão de Curso primeiramente à Deus, à toda minha família, em especial a minha filha. pois o apoio de todos foi fundamental para minha trajetória acadêmica. Dedico a todos os professores do curso, inclusive a minha Orientadora Prof^ª. Oderlene Bráulio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à **Deus**, por ter confortado meu coração nos momentos difíceis que a vida me impôs, por estar sempre ao meu lado me guiando e protegendo de todo mal e pela força durante minha caminhada em busca do conhecimento, pois sem Ele não somos nada. É no momento de tribulação que nos pega em seus braços e mostra o quanto somos capazes de vencer todas as dificuldades e isso vem para enxergarmos que somos fortes porque existe um Deus que nunca nos abandona.

A minha mãe **Marlene da Silva Mariano** e ao meu pai **Paulo Peres da Silva**, que sempre estiveram me apoiando, sendo responsáveis pela minha educação e ensinando-me princípios e valores que levo para a vida inteira e repasso para a minha filha **Adrielly Vitória Holguim Florentino** que é meu incentivo diário;

Ao meu namorado que mesmo distante me dar todo apoio que preciso em todos os sentidos da minha vida

Aos meus irmãos que amo e aos quais agradeço pela paciência, amor e carinho que

Aos motoristas fluviais pelo apoio e disponibilidade de facilitar o meu percurso via fluvial de Tabatinga à Benjamin e vice versa, facilitando o acesso à universidade (INC/UFAM).

Aos professores do curso que contribuíram para a minha formação, inclusive minha orientadora Oderlene Bráulio

Ao Gestor e funcionários Escola Municipal Jociêdes Andrade, pela recepção e permissão para as realizações das observações em sala de aula.

Enfim agradeço a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O respectivo trabalho de conclusão de curso tem caráter científico, elaborado com intuito de se aprofundar na temática da pesquisa sobre: Educação de Jovens e adultos: o processo de ensino/aprendizagem de adultos na alfabetização em uma escola pública. A presente pesquisa tem o propósito de tecer reflexões a respeito do processo de ensino-aprendizagem da EJA na Escola Municipal Jociêdes Andrade, no município de Tabatinga no estado do Amazonas. O objetivo geral foi compreender as concepções de EJA e as práticas de ensino para alfabetização de jovens e adultos em turmas do 1º segmento de uma escola pública de Tabatinga-AM. Para o alcance do objetivo foram estabelecidos como objetivos específicos: a) conhecer o conceito e a importância da EJA na concepção dos sujeitos; b) refletir sobre os métodos de ensino em prol da alfabetização dos alunos do 1º segmento da EJA; e c) verificar quais os desafios enfrentados para alfabetização desses alunos. Os autores que contribuíram para o estudo e embasaram as análises foram: Emília Ferreiro (1987, 2006), Magda Soares (2001, 2003), Ribeiro (2001), Oliveira (2012), Vera Capucho (2012) Moacir Gadotti (2022), Gil (2002), Arroyo (2022), Cortada (2013) e Freire(1987,1980,2008,). A pesquisa se configurou como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. Para coletarmos os dados e informações necessárias usamos o estudo bibliográfico, a observação participativa e a aplicação de questionários. O estudo mostrou que a alfabetização de adultos vem se dando a partir de metodologias diversas e de forma contextualizada, porém ainda não garantindo que todos se sintam alfabetizados, considerando terem dificuldades de leitura e escrita, o que demanda inovações pedagógicas nesse sentido, bem como reorganização do tempo, do espaço e do currículo e formações continuadas às docentes sobre as metodologias para alfabetização na EJA, dando a elas maior qualificação profissional para alcançar as finalidades educacionais.

Palavras chaves: Alfabetização. Educação de Jovens e adultos. Processo ensino-aprendizagem

SUMMARY

The respective course completion work is scientific in nature, designed with the aim of deepening the research theme on: Youth and adult education: the teaching/learning process of adults in literacy in a public school. This research aims to reflect on the teaching-learning process of EJA at the Municipal School Jociêdes Andrade, in the municipality of Tabatinga in the state of Amazonas. The general objective was to understand the conceptions of EJA and the teaching practices for literacy of young people and adults in classes of the 1st segment of a public school in Tabatinga-AM. In order to reach the objective, the following specific objectives were established: a) to know the concept and importance of EJA in the conception of the subjects; b) reflect on the teaching methods in favor of the literacy of the students of the 1st segment of the EJA; and c) verify the challenges faced for these students' literacy. The authors who contributed to the study and supported the analyzes were: Emília Ferreiro (1987, 2006), Magda Soares (2001, 2003), Ribeiro (2001), Oliveira (2012), Vera Capucho (2012) Moacir Gadotti (2022), Gil (2002), Arroyo (2022), Cortada (2013) and Freire (1987,1980,2008,). The research was configured as a field research with a qualitative approach. In order to collect the necessary data and information, we used a bibliographical study, participative observation and the application of questionnaires. The study showed that adult literacy has been taking place based on different methodologies and in a contextualized way, but still not guaranteeing that everyone feels literate, considering that they have reading and writing difficulties, which demands pedagogical innovations in this sense, as well as reorganization of time, space and curriculum and continued training for teachers on methodologies for literacy in EJA, giving them greater professional qualification to achieve educational purposes.

Keywords: Literacy. Youth and Adult Education. Teaching-learning process

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino.

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

INC - Instituto de Natureza e Cultura.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| CAPITULO 1 – MINHAS MOTIVAÇÕES NA ESCOLHA DO TEMA E OS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA | 13 |
| 1.1 A EJA EM MINHAS MEMÓRIAS: RELATOS E REFLEXÕES | 13 |
| 1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 20 |
| 1.2.1 A pesquisa de campo de abordagem qualitativa | 20 |
| 1.2.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados..... | 22 |
| 1.2.3 O enfoque da pesquisa | 25 |
| 1.2.4 O campo da pesquisa..... | 26 |
| 1.2.5 Os sujeitos da pesquisa | 33 |
| CAPITULO 2- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FUNDAMENTOS TEORICOS- LEGAIS..... | 35 |
| 2.1 O HISTÓRICO DA EJA..... | 35 |
| 2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO | 41 |
| 2.3 ALFABETIZAÇÕES NA EJA E AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE | 46 |
| 2.4 A CONTRIBUIÇÃO DA EJA PARA O ENSINO NO BRASIL..... | 49 |
| CAPITULO 3- O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO NA EJA NUMA ESCOLA PUBLICA DO MUNICIPIO DE TABATINGA-AM: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS | 31 |
| 3.1 O CONCEITO E A IMPORTÂNCIA DA EJA NA CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS | 53 |
| 3.2 A ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DO 1º SEGMENTO DA EJA: OS MÉTODOS DE ENSINO | 56 |
| 3.3 OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DA EJA | 60 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 64 |
| REFERÊNCIAS | 66 |
| ANEXOS..... | 68 |
| Apêndice 1. Questionários..... | 69 |
| Apêndice 2. Memorial..... | 72 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) deu-se início por experiências vivenciadas e exemplos de familiares que não concluíram os estudos na idade certa. Salienta-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que tem como principal objetivo atender aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade ou possibilidade de estudar na idade prevista na legislação brasileira como regular. Ela foi reconhecida legalmente enquanto modalidade da educação básica na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN, n. 9394/1996).

A monografia teve como objetivo geral compreender as concepções de EJA e as práticas de ensino para alfabetização de jovens e adultos em turmas do 1º segmento de uma escola pública de Tabatinga-AM. Porém, para que houvesse o alcance da finalidade da pesquisa foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) conhecer o conceito e a importância da EJA na concepção dos sujeitos; b) refletir sobre os métodos de ensino em prol da alfabetização dos alunos do 1º segmento da EJA; c) verificar quais os desafios enfrentados para alfabetização desses alunos.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Jociêdes Andrade no município de Tabatinga-AM, localizada no bairro Centro/Avenida da Amizade em 2023. A metodologia da pesquisa de campo foi de caráter qualitativo, pois buscamos qualidades nas informações para fundamentar o trabalho elaborado. Para coletar as informações necessárias foram utilizados alguns instrumentos e técnicas de pesquisa como: a observação participativa e questionário para chegarmos os mais próximos dos sujeitos de pesquisa, dando total liberdade nas questões formuladas para se obter informações precisas e necessárias.

A metodologia aplicada ajudou a compreender que a EJA vai além da escolarização e que esta modalidade educativa precisa viabilizar a construção do processo emancipatório e libertador que possibilite aos alunos compreenderem e transformar sua realidade social. Uma forma de intervenção no mundo capaz de romper com a ideologia da reprodução dominante ao ponto de contestá-la e desmascará-la (FREIRE, 2018).

Os principais autores que foram essenciais para fundamentar a pesquisa foi Emília Ferreira (1987, 2006), Magda Soares (2001,2003), Ribeiro (2001), Oliveira (2012), Vera Capucho (2012), Moacir Gadotti (2022), Antônio Carlos Gil (2002), Miguel Arroyo (2022),

Silvana Cortada (2013) e não poderia faltar Paulo Freire (1987,1980,2008) que é um autor de grande fundamento para a Educação de jovens e adultos.

Para compreender melhor o que foi tratado sobre o tema o trabalho foi estruturado em três capítulos, cada um abordando um aspecto da pesquisa com seus fundamentos e embasamento. O primeiro capítulo intitulado “Minhas motivações na escolha do tema e os caminhos trilhados na pesquisa” foi dividido em dois subtópicos o primeiro apresentando o memorial da pesquisadora denominado de “A EJA em minhas memórias: relatos e reflexões”; trazendo breves reflexões sobre a temática” e o segundo sobre a metodologia da pesquisa.

O segundo capítulo discorre sobre “A educação de Jovens e Adultos: fundamentos teórico-legais, divididos nos seguintes subtópicos: “o histórico da EJA; Alfabetização e Letramento; alfabetização na EJA; contribuições de Paulo Freire para a alfabetização na EJA; e a contribuição da EJA para o ensino no Brasil.”

O terceiro capítulo discorre sobre as análises e discussões dos dados coletados na pesquisa, apresentando o processo de ensino/aprendizagem da alfabetização na EJA numa escola pública no município de tabatinga-AM que está localizada na tríplice fronteira do Brasil, Peru e Colômbia.

1 MINHAS MOTIVAÇÕES NA ESCOLHA DO TEMA E OS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA

O primeiro capítulo desta monografia irá apresentar minhas motivações para a escolha de um estudo sobre a EJA e os caminhos que foram trilhados para obtenção de dados desta pesquisa. Neste capítulo serão abordados: as motivações para escolha da temática e a metodologia do estudo, apontando o tipo da pesquisa, o tipo de abordagem, o enfoque da pesquisa, as técnicas de instrumentos de coletas de dados utilizados, bem como o método, o campo da pesquisa e os sujeitos envolvidos no presente estudo.

1.1 A EJA EM MINHAS MEMÓRIAS: RELATOS E REFLEXÕES

A educação é um direito e necessidade de todos, não importa qual faixa etária, nunca é tarde para voltar a estudar, só basta querer e ir em frente, pois sempre haverá dificuldades a serem enfrentadas, mas cabe a nós mesmos vencermos todas elas.

Muitas pessoas em virtude de sua condição de vida, tipo de trabalho e localidade de habitação não usufruem, na idade certa, desse direito constitucionalmente garantido. Chegam na adolescência e na idade adulta sem nenhuma ou com pouca escolaridade. Essas pessoas constituem o público-alvo da Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Sabemos que a EJA tem todo um fundamento desde sua existência para garantir a aprendizagem aos que tiveram grandes dificuldades para concluir o ensino e ou que não tiveram a oportunidade de serem alfabetizados e de frequentar a escola. Dentre essas pessoas estão eu e pessoas da minha família, como os meus pais.

Meus pais relatam que estudaram na EJA, pois não tiveram oportunidade de concluir o ensino na idade certa e a EJA deu a oportunidade de pelo menos tentarem. Segundo minha mãe, nos tempos passados, só estudava quem tinha condições e como nesse tempo minha avó não tinha como mantê-la estudando, ela não ia à escola, pois viviam da agricultura e para colher teriam que plantar e assim terem o sustento.

Durante a infância minha mãe foi alfabetizada pela igreja católica na catequese. As aulas eram dias alternados. Todos iam a igreja em certo horário para se catequisar e as freiras eram quem ensinavam. Como para serem catequizados eram necessárias a leitura e escrita resolveram alfabetizar todos que precisavam e queriam aprender a ler e escrever. Minha mãe era uma das que precisavam pelo menos aprender escrever seu nome, já que minha avó não

tinha condições de oferecer um estudo melhor para seus filhos. Mas o ensino pautado na religião foi de forma tradicional

Minha mãe relata que para o processo ensino aprendizagem usavam um pequeno quadro de giz e algumas cartilhas. As freiras procuravam a melhor forma possível para alfabetizar, mas nesse tempo era mais dificultoso devido os recursos, ao contrário dos dias atuais que tudo se tornou mais fácil.

Minha mãe tinha oito irmãos e minha avó ficou viúva quando ainda eram pequenos. Com isso teve que criar todos os filhos sozinha. Naquele tempo a situação ficou mais precária do que já era. O tempo foi passando e minha mãe foi crescendo, entrando na vida adulta juntamente com suas irmãs e seus irmãos e sempre trabalhando. Quando queriam uma roupa nova ou algo novo tinham que colher para venderem ou trocarem pelo objeto que queriam.

Na fase adulta seus irmãos foram casando, formando famílias, conseguindo trabalho, viajando e tentando a vida em outro município. Minha mãe teve oportunidade de sair do seu município indo em busca do que almejava. Foi morar em Tabatinga, lugar em que residiu por muitos anos, conhecendo meu pai.

Meu pai por vim de uma família trabalhadora, mas sem boas condições econômicas, também não conseguiu terminar o estudo na idade certa, então optou pela modalidade da EJA para tentar terminar o ensino fundamental. Terminou a 8º série que hoje é o 9º ano, mas não deu continuidade aos estudos, escolhendo o trabalho viajando.

O mesmo relata que na escola onde estudou o ensino era de forma tradicional com base na mera transmissão de conhecimentos pelo professor e memorização pelo aluno, a partir do uso do livro didático. Muitas vezes chegou à escola cansado, devido o dia de trabalho e acabava dormindo dentro de sala durante a aula ministrada. Era sempre a mesma forma de ensino todos os dias e isso acabava desanimando. Eram o caderno, o livro e a lousa os recursos utilizados sem oportunidade de se expressar.

Ele relata que dessa forma não aprendia e quando aprendia ainda ficava com dúvidas em certos assuntos e as aulas eram monótonas e desanimadoras. Por isso quando resolveu parar de estudar parou de vez e preferiu trabalhar. Nesse período conheceu minha mãe, então o certo era trabalhar para garantir o sustento de casa. Nesse tempo meu pai viajava bastante tomando conta de um barco que comprava e vendia peixes.

Minha mãe não trabalhava e passou a viajar como ele. O tempo foi passando e viram a necessidade de construir uma casa devido os filhos. Minha mãe teve que ficar na cidade e tomar conta dos filhos e dos negócios enquanto meu pai fazia as viagens. Durante esse período em que ficou residindo em Tabatinga minha mãe conseguiu um emprego no IBMA, que

atualmente é o CETAM. As coisas foram melhorando, porém ela tinha estudado até a 4ª série, que atualmente é 5º ano e meu pai até a 8ª série que atualmente é o 9º ano na Educação de Jovens e Adultos.

Como minha mãe é natural do Município de Santo Antônio do Içá ficou longe de sua terrinha durante anos e resolveu voltar para construir novamente uma pequena casa no terreno que minha avó havia dado a ela. Nesse período houve a separação de meus pais e foi tenso, pois éramos todos pequenos. Minha mãe sem emprego e sem ter concluído o ensino fundamental não sabia o que fazer naquele momento. Foi difícil, mas vencemos, pois foi o momento na qual minha mãe viu a importância do estudo para sua vida, então decidiu voltar a estudar. Procurou a escola mais próxima de casa e se matriculou, mesmo frente ao cansaço diário.

Além de estudar minha mãe precisava fazer alguma coisa para tentar suprir as necessidades diárias, naquele tempo era difícil conseguir emprego ainda mais para quem não tinha estudo. Com isso, procurou trabalhar como autônoma e abriu uma mercearia pequena que não prosperou. Passou a fazer pão que também não deu certo. A única coisa que deu certo foi trabalhar com salgados e com isso trabalha até os dias atuais.

Vale dizer que tentar conciliar estudo com trabalho e família é difícil. Minha mãe conta que várias vezes ia à escola e, quando chegava em sala de aula, não aguentava de tão cansada e por isso acabava voltando para casa para descansar, antes do final das aulas. O motivo? No dia seguinte teria que acordar as quatro horas da madrugada para dar conta de fazer tudo e ir vender no portão da escola 8 (oito) horas da manhã.

Dessa forma estudou somente mais 01 (um) ano e concluindo a 5ª série desistiu. Optou pelo trabalho e se dedicou a criar os filhos que estavam pequenos, mas para chegar nessa conclusão teve todo um conjunto de fatores que a levaram a desistir além do trabalho e cansaço diário. As formas de organização diária da EJA e as metodologias pouco atrativas usadas pelos professores não favoreciam sua permanência na escola.

De acordo com suas memórias, além dos professores não inovarem nas metodologias, o ensino que eles tentavam transmitir era de forma bancária, na qual, o professor só ministrava as aulas escrevendo na lousa com o giz e não dava a liberdade para os alunos se expressarem, impondo seus pensamentos e de forma pouco interativa, não criativa e monótona que levavam ao sono. Todavia, mesmo desistindo minha mãe motivou a mim e a meus irmãos a estudar.

E como foi minha escolarização? Durante a minha escolarização não tive muitas dificuldades, considerando que sempre fui uma menina esforçada. Fui alfabetizada cedo e com 8 anos já lia bem, pois nos meus primeiros anos na escola tive excelentes professoras. Lembro-

me que pedia a minha mãe para me levar à escola para estudar e ia sorrindo e ficava na sala fazendo amizades.

Não apresentei dificuldades de aprendizagem nem na pré-escola (educação infantil) e nem no ensino fundamental, pois quando tinha dúvidas ia à casa de professores ou os procurava na escola para tirar dúvidas. Sempre procurei participar de todos os eventos que tinha na escola, principalmente nas feiras de ciências que eram as melhores devido as experiências que apresentávamos.

Dessa forma, meu processo de formação educacional na escola se deu de forma exitosa até o ingresso no Ensino médio, porem nesse período passei por problemas particulares o que acarretaram dificuldades de terminar os estudos na idade certa. O problema? Eu tive que parar de estudar devida minha gravidez, o que me levou a ser mãe ainda na adolescência, a ter responsabilidade cedo e aprender a tomar decisões certas.

Isso ocorreu no final do meu segundo ano do ensino médio quando fiquei gestante e tive várias complicações durante toda a gestação, desistindo dos estudos. Após ter dado à luz a minha filha Adrielly Vitória fui obrigada a ter responsabilidade com minha filha e comigo, porque tinha que pensar no meu futuro e tudo que eu escolhesse refletiria na minha filha.

Foi um momento bem complicado da minha vida, além de ter engravidado cedo, não tinha responsabilidade, nunca tinha trabalhado na vida e muito menos terminado os estudos. Tive que aprender a conciliar tudo, mas mesmo assim não desisti, pois tive exemplos dentro de casa, não pela desistência, mas sim, pela coragem de pelo menos tentar e querer seguir.

Creio que tudo isso me fez ser a mulher que me tornei hoje: uma mulher forte e com força e coragem de vencer na vida em meio as dificuldades. Isso me fez retomar os estudos. O retorno foi difícil. Eu senti uma dificuldade imensa, pois tinham coisas que não sabia por onde começar. Frente às responsabilidades não conseguia me concentrar direito nos assuntos ministrados e nem assimilar nada, foi onde comecei a apresentar dificuldades constante nos estudos, chegando a pedir ajuda aos meus colegas de classe para tentar entender determinado conteúdo.

Foi nesse momento que parei e fiz uma análise da minha vida, constatando que o meu futuro e o da minha filha dependiam de mim e do meu esforço. Então eu desistia ou continuava em meio as dificuldades e responsabilidades. Resolvi continuar mesmo com a sensação de que não estava conseguindo ter uma aprendizagem significativa e de qualidade, mas era preciso terminar os estudos para tentar ingressar em uma universidade. Nesse momento vi que a modalidade da Educação de Jovens e Adultos seria à luz no fundo do túnel e me oportunizaria terminar o ensino médio em menor tempo.

Então em 2015 voltei a estudar e fui aluna da EJA. Tive o prazer de fazer parte desse ciclo na qual meus pais também fizeram parte. Voltei à escola com o triplo de responsabilidade, pois tinha que dar conta de trabalhar fora de casa e cuidar da minha filha, dos afazeres e dos estudos. Era muito cansativa essa rotina, mas todos os dias acordava com o pensamento positivo e que tudo era uma fase e logo passaria.

As vezes quando meus pais não podiam ficar com minha filha, eu a levava comigo para a escola, justamente para não faltar nenhum dia de aula, porque sabia que o dia em que eu faltasse iria me fazer falta mais a frente, por isso apenas faltava quando minha filha adoecia.

Meus colegas de sala de aula me ajudaram bastante, pois sabiam da minha rotina. Trabalhava em uma panificadora que se chamava “Panificadora Evellyn”, onde entrava as 12h para sair as 18:30 e as vezes saía as 19h, o que era a razão da maioria das vezes chegar atrasada na escola. Mas desistir não era mais uma opção, pois eu que sempre fui uma menina cheia de sonhos não poderia me deixar abater pelas circunstâncias do momento. Minha filha que estava apenas com alguns meses de vida era minha força e o futuro dela dependia totalmente de mim. Ela foi e até hoje é minha maior motivação para não desistir e lutar todos os dias da minha vida.

Considero que a EJA foi uma oportunidade e também um grande desafio. Nem todo aluno que faz a modalidade da EJA aguenta terminar o ano letivo, pois não é fácil ter que relacionar casa, trabalho e estudo. Tanto que alguns dos alunos da turma da EJA que eu estudava optavam por desistirem, devido o cansaço e a correria do dia a dia. Na minha turma houve vários desistentes, muitos desistiram até mesmo porque chegavam na sala e dormiam. A evasão era grande.

Além do cansaço havia a falta de metodologias criativas e estimuladoras dos professores que entravam na sala para ministrar os conteúdos sem métodos inovadores e dinâmicos. Isso demonstra a falta de atenção para com os alunos do turno noturno que por serem pessoas jovens e adultas são esquecidas ou menosprezadas como se não merecessem um ensino de qualidade.

Atualmente, depois de ter vivenciado e terminado meu ensino médio na EJA, mesmo com os problemas apresentados, considero que a mesma tem grande influência na minha vida e deixou um legado imenso devido a oportunidade que me proporcionou para concluir meus estudos na educação básica e, posteriormente, ingressar na Universidade.

Recordo ainda o dia em que saiu o edital para o vestibular da UFAM para o interior. Eu estava no trabalho quando um amigo meu foi até mim e falou sobre o edital e sobre as áreas, me convidando e me motivando para realizarmos a nossa inscrição e fazer a prova. Fiquei muito

pensativa. Minha filha tinha apenas 1 ano e precisava de mim por perto, mas como eu era pai e mãe era meu dever procurar melhoria de vida em prol dela.

Então resolvi me inscrever no vestibular para o interior (PSI) da UFAM para o Instituto de Natureza e Cultura em Benjamin Constant- AM. Eu não sabia qual curso fazer. Porém entre os cursos havia Pedagogia o curso que minha irmã sempre falava que eu iria me identificar. Alguns dias antes da prova pensei em desistir por medo das dificuldades que eu iria enfrentar e por ter que ficar longe da minha filha, mas naquele momento eu precisava de apenas uma palavra de força e coragem para dar o primeiro passo que era sair do meu município para fazer a prova em outro município.

Então fui em busca de maior formação e melhor condição de vida futura. Pedi demissão do meu emprego e três dias antes viajei para Tabatinga e em seguida ao município de Benjamin Constant, onde fiquei até o dia da prova na casa de uma amiga da minha irmã. Um dia antes fiquei preocupada, com medo de não conseguir, pois era convicta que durante meu ensino médio não teria aprendido o suficiente para realizar a prova. Não sabia se iria me sair bem por não ter me preparado com os assuntos possíveis que poderiam cair na prova.

Todavia dei o meu melhor de mim no dia. Sai de casa cedo e fui ao meu local de prova. Nesse dia estava tensa, nervosa com aquela sensação de não saber de nada e sem resposta do futuro, até porque tinha pedido demissão do emprego. Após a prova voltei para casa com uma tristeza de quem sentia não ter conseguido. Angustuada e triste voltei para o município da Tabatinga indo para casa de minha irmã.

No dia em que decidi voltar para o município de Santo Antônio do Içá onde eu residia juntamente com minha irmã, uma amiga dela liga falando que eu tinha passado no vestibular e que aquele dia era o último dia da matrícula. Não pensei duas vezes. Peguei o barco no porto fluvial e fui até a universidade com todos os meus documentos para a realização de minha matrícula. Nesse momento me tornei acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia que me prepararia profissionalmente para ser docente da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para ser gestora, coordenadora, supervisora ou pedagoga escolar.

Fiquei ansiosa pelo primeiro dia de aula. O que iriam me ensinar? Será que eu teria facilidade de aprender? Como eu iria me sustentar e sustentar minha filha enquanto estivesse estudando? Será que eu iria conseguir concluir o curso? Uma alegria, muitas incertezas e inseguranças.

No 1º período estava me adaptando ao curso, conhecendo um pouco mais sobre o que eu iria estudar, conhecendo os professores e as disciplinas a serem ministradas pelos mesmos que foram as disciplinas de Introdução a Filosofia, Introdução a Pedagogia, Introdução a

Antropologia, Metodologia do estudo e da pesquisa, Psicologia Geral, Língua Portuguesa I. No entanto, ainda não tinha parado para analisar a minha vida profissional e que ali estava sendo o primeiro passo para uma futura profissão.

Com o passar dos períodos parei para analisar e ter interesse durante minha primeira experiência que tive em sala de aula como docente. Para ser bem clara, durante as disciplinas das Práticas da Pesquisa Pedagógica (I,II,III,IV,V) foi quando passei a melhor me identificar com o curso. Outras disciplinas contribuíram para o meu crescimento intelectual devido seus conteúdos que foram as disciplinas: Informática Básica, Fundamentos de matemática e estatística, Saberes Tradicionais, Língua Portuguesa I e II, Novas tecnologias da informação/comunicação, Princípios de métodos da educação infantil I e II, Psicomotricidade recreação na educação infantil, Arte na educação infantil e anos iniciais, dentre outras.

Primeiramente nesse processo precisei entender o real conceito de educação e seus fundamentos. Foram importantes para isso as disciplinas: Introdução à Pedagogia, Filosofia da Educação, História da Educação, Didática I e II, Sociologia da Educação, Fundamentos da Educação ambiental e História e Legislação Educacional que me ajudaram a refletir sobre as concepções de educação e sua importância e sobre meu papel como futura profissional da educação.

As disciplinas do curso me levaram fazer uma análise sobre a minha futura profissão como docente e me mostraram que a teoria deve nortear a prática como foi feito nas disciplinas de estágio supervisionado tanto nos Anos Iniciais, Gestão e Educação infantil e que contribuíram bastante para o meu crescimento e minha futura atuação educacional.

E qual a disciplina que mais me ajudou a aprofundar a temática dessa monografia? Quando estive no 5º período do meu curso foi ministrada a disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos. Nesta passei a conhecer a história da EJA e porque e como foi implementada para ajudar a sociedade brasileira que tinha um alto índice de analfabetismo, segundo o IBGE. Durante a disciplina de Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos fiz leituras, reflexões e discussões sobre estudos realizados sobre a modalidade da EJA e seus aportes legais.

Pude então redirecionar a minha pesquisa nas disciplinas de Prática da Pesquisa Pedagógica para a EJA. Na coleta de dados fui observar uma turma da EJA o que foi algo muito intenso, pois como já havia citado fui aluna da EJA e sei muito bem das dificuldades enfrentadas por esses alunos e a vontade de querer aprender ou concluir os estudos.

Toda situação me fazia voltar para os anos em que estive como aluna em sala com a força de vontade de aprender e lutando todo dia em meio as dificuldades para conseguir alcançar

o meu desejado sonho que era terminar meus estudos. Deparando-me com aqueles alunos, alguns com a minha idade e outros com a idade mais avançada pude, na condição de pesquisadora, fazer observações sobre comportamento e sobre o processo ensino-aprendizagem durante o período de alfabetização, bem conhecer os relatos das histórias de vida e sobre os motivos para permanência ou evasão da escola.

Essa experiência serviu ainda mais para meu crescimento profissional. Participei de todas as atividades em sala e contribuí quando possível, sempre tendo em mente que estamos lhe dando com seres humanos que precisam de motivações para prosseguirem.

Dessa forma, relatando minhas memórias da infância e da minha escolarização na educação básica, onde fui aluna da modalidade EJA e concluí meus estudos na educação básica com várias dificuldades, mostro que toda minha história de vida antes e durante a formação na universidade no curso de Pedagogia contribuiu para o meu próprio crescimento e para o despertar pelo processo ensino aprendizagem na EJA, sendo esses condicionantes as minhas motivações à pesquisa.

1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é um estudo de métodos, sendo um estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim com o objetivo colher e analisar dados para tentarmos compreender a temática e chegar ao objetivo desejado. Diante do exposto, neste tópico se discorrerá sobre (1.2.1) a pesquisa de campo de abordagem qualitativa; (1.2.2) técnicas e instrumentos de coleta de dados; (1.2.3) o enfoque da pesquisa; (1.2.4) o campo da pesquisa;(1.2.5) os sujeitos da pesquisa.

1.2.1 A pesquisa de campo de abordagem qualitativa

Tendo como objetivo conhecer a realidade da EJA e refletir sobre as dificuldades diárias que esses alunos da Educação de Jovens e Adultos(EJA) apresentam e tentar compreender, com o enfoque de ajudá-los, pois há vários aspectos que contribuem para a não alfabetização e as dificuldades enfrentadas pelos alunos dessa modalidade de ensino, optou-se por uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo tem suas vantagens e desvantagens, mas é bem eficaz durante uma busca profunda sobre a temática exposta devido suas técnicas para colher informações,

envolvendo a teoria e a prática nesse processo trazendo maior resultados com clareza, podendo ter fundamentações teóricas e práticas para relata de forma coerente.

Gil(2002, p.52) afirma que:

[...] a pesquisa de campo é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informações para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Contudo, a pesquisa de campo é uma forma benéfica para uma pesquisa, fazendo com que o pesquisador tenha o contato direto com a situação do estudo, vivenciando o momento na qual está colhendo dados no local e adquirindo experiências no ambiente.

A Pesquisa de campo realizada foi à do tipo exploratória. De acordo com Gil (2002, p.41) a pesquisa de campo do tipo exploratória “[...]tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.”Esse tipo de pesquisa é uma forma de aproximar o pesquisador do resultado desejado ou até mesmo uma forma de explorar um fato e conhecer mais sobre o assunto, pois explorar é averiguar fontes concretas.

A pesquisa realizada teve uma abordagem qualitativa que valoriza a qualidade das informações e não a quantidade, que busca explicar as relações sociais ao relacionado tema, além de ser o tipo de pesquisa mais adequada para se fazer. Diante do exposto Severina (1993, p.14) argumenta que:

Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais. É descritiva e não requer utilização de métodos e técnicas estatísticas. O pesquisador, considerado instrumento chave, tende a analisar seus dados indutivamente, no ambiente natural. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. As pesquisas qualitativas oferecem contribuições em diferentes campos de estudo, como, por exemplo, a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Educação.

A pesquisa tem o especial objetivo de revelar os mistérios que permeiam o cotidiano escolar, identificando processo que, muitas vezes, devido ao fato de se tornarem parte da rotina de uma determinada realidade escolar, passam despercebidos pelos próprios envolvidos na pesquisa. Todavia, a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

Segundo Chizzotti (2005, p. 79):

[...] A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interpretação viva entre o sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um prol de dados isolados conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objetivo não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

O pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifesta o que vai exigir um contato direto e constante com o dia a dia. Cabe enfatizar que para Trivinos (1987, p.133) o pesquisador, que utiliza o enfoque qualitativo, poderá contar com uma liberdade teórico-metodológico para desenvolver seus trabalhos. “[...] os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições das exigências de um trabalho científico [...]”

A pesquisa qualitativa permite a reflexão dos caminhos a serem seguidos nos estudos científicos, pois auxiliam para entender, desvendar, qualificar e quantificar de forma verificada, bem como permitem estudar a importância dos fenômenos e fatos para que se possa mensurá-los. A mesma é uma interessante ferramenta, pois através dela, é possível obter dados valiosos qualificando a tomada de decisões importantes.

1.2.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

A pesquisa exige metodologia não somente de levantamento de dados, informações, como também vivências e experiências. Assim decidi realizar uma pesquisa, por meio de informações dos sujeitos, mas também por meio de uma ação metodológica, com caminhos práticos para que se desvele a relação entre professor/aluno na aquisição do conhecimento na educação de jovens e adultos.

Toda ação deste estudo visou levantar dados referentes a relação entre professor /aluno e a importância no aprendizado década discente que está dando o seu melhor com intuito de aprender meio as dificuldades que encontra diariamente e no caminhar do processo educacional. As técnicas empregadas foram:

a) Estudo bibliográfico

O estudo bibliográfico é um levantamento de estudos já analisados e publicados por meios escritos e eletrônicos como artigos científicos, livros, páginas web sites. O estudo bibliográfico é o passo inicial na construção efetiva de pesquisa para saber se já existe um

trabalho ou projeto na área escolhida, quer dizer, após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado e isso é de grande importância.

Gil (2002, p.45) afirma que o estudo bibliográfico:

[...]reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tema sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores e obstáculos para contar com as informações requeridas.

Os recursos utilizados para obter os resultados desejados conforme o caminho da pesquisa foram os artigos e principalmente livros que foram fontes do embasamento teórico para o desenvolvimento e análise da pesquisa. Obtive todos os resultados desejados através dessas ferramentas de estudo fazendo leituras de autores e artigos publicados.

O levantamento bibliográfico foi iniciado no mês de outubro para começar o levantamento de estudos publicados por instituições científicas reconhecidas e o levantamento de legislações aprovadas sobre o objeto de estudo, absorvendo informações para implementar durante a pesquisa.

Os principais autores que foram essenciais para fundamentar a pesquisa foi Emília Ferreiro (1987, 2006), Magda Soares (2001,2003), Vera Maria Ribeiro (2001), Ana Maria de Oliveira (2012), Vera Capucho (2012) Moacir Gadotti(2022), Antônio Carlos Gil (2002)Miguel Arroyo (2022)Silvana Cortada (2013). Não poderia faltar Paulo Freire (1987,1980,2008) que é um autor de grande fundamento para a Educação de jovens e adultos.

b) Observação Participante

A observação participante é um tipo de instrumento de coleta de dados, em que a pessoa pesquisadora participa das atividades diárias de um grupo de pessoas justamente observando costumes e hábitos e comportamentos e registrando falas

Esta técnica é importante para a efetivação da ideia de que os observados são vistos como indivíduos que contribuem para a finalização de um determinado estudo social. Desse modo, a observação participante contribui atualmente para a criação de conhecimentos sociológicos.

A observação participante é uma técnica muito adotada, pois segundo Marconi (2009, p.78)

[...] é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em falar e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

A observação participativa foi realizada na escola para colher dados e informações para a pesquisa, fazendo parte da turma e escola, tendo contato e comunicação com todos, auxiliando o professor de sala e assim observando de perto.

Durante o período de observação participativa em sala de aula fui bem recepcionada pelos alunos e logo se tornou gratificante pelo acolhimento. Assim procurei ter o máximo de cuidado nas observações e nas participações, na coleta de dados tive bastantes informações e a principal era conhecer a turma da EJA da pesquisa, levando em conta toda as dificuldades enfrentadas pelos alunos e verificando o processo ensino aprendizagem desenvolvido na sala. Com isso, tive resultados maravilhosos que enriqueceram a pesquisa.

c) Questionário com perguntas abertas e fechadas

Questionário é um instrumento de coleta de informação, utilizado numa sondagem ou inquérito. É uma técnica de investigação composta por um número grande ou pequeno de questões apresentadas por escrito que tem objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador.

O questionário é importante para obtenção de informações e levantamento de dados durante uma pesquisa. O questionário foi constituído por perguntas abertas e fechadas e com elas consegui colher dados para a análise qualitativa do estudo. Figueiredo e Souza (2008, p.129) categorizam o questionário em perguntas abertas e fechadas como:

Perguntas abertas- as perguntas abertas destinam-se a obter respostas livres e são mais utilizadas para a pesquisa qualitativa. O informante tem total liberdade para emitir sua opinião, por permitem investigações mais profundas. Perguntas fechadas destinam-se a obter respostas mais precisas, sendo mais utilizadas nas pesquisas quantitativas. As questões são padronizadas e estruturadas de forma a impor limites nas respostas.

No questionário para os professores foram formuladas as seguintes questões: qual o tempo de atuação na EJA?; qual sua concepção da educação de jovens e adultos?; você fez alguma formação continuada voltada ao ensino da educação de jovens e adultos?; na sua opinião o que é alfabetização?; quais os desafios postos para a alfabetização na EJA?; os alunos chegam no final do primeiro seguimento alfabetizados, ou seja, lendo, escrevendo e

interpretando? E como é seu método de ensino para facilitar a aprendizagem dos jovens e adultos da EJA?.

Para os alunos foram feitas as seguintes perguntas: Você se considera alfabetizado?; por que você não teve acesso a escola na idade própria?; o que os estudos trouxeram de benefícios a sua vida?; O que você acha do método de ensino da sua professora ?; dentre outras.

Portanto, nos questionários haviam uma série de perguntas que deviam ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador. As perguntas abertas foram as mais viáveis para os sujeitos deixando-os confortáveis para responderem. Os discentes colaboraram o máximo que puderam, mesmo estando nítido o cansaço devido as responsabilidades que eram em dobro, mas, contudo, consegui realizar o objetivo e coletar as informações necessárias.

1.2.3 O enfoque da pesquisa

O enfoque de análise dos dados foi a pesquisa fenomenológica, pois estuda o fenômeno. O enfoque demandou um olhar totalmente aprofundado diante do objeto ou sujeito para fazer uma análise além de suas características físicas, pois o método fenomenológico vai em busca da essência na qual vai além das características físicas, tendo a própria consciência diante do objeto ou sujeito exposto. Como diz Merleau-Ponty (1999, p.1):

[...] A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. [...]

A fenomenologia contribui bastante com a pesquisa em educação ou qualquer outra devido trazer consigo modos diferentes para obter informações, inclusive esse método fica em movimentação constante com o tempo ou década, pois se vai evoluindo e se modificando na medida em que as pessoas não são as mesmas e também não vivem em um mesmo tempo e espaço. Portanto, a fenomenologia se torna um fator crucial para análise dos relatos dos sujeitos da Educação de jovens e adultos, para se interpretar e entender a essência das informações e comportamentos dos sujeitos envolvidos dentro do contexto espaço-temporal em que vivem.

1.2.4 O campo da pesquisa

O campo onde foi realizada a pesquisa para monografia foi a escola municipal Jociêdes Andrade situada na área urbana do Município de Tabatinga- AM. Para adquirir mais informações sobre a escola e o município, tornou-se necessário conhecer o PPP (Projeto, Político, Pedagógico) da escola que foi disponibilizado pela pedagoga com as informações precisas.

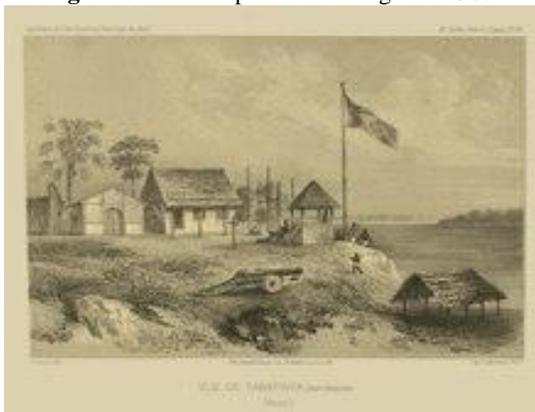
a) O município e o bairro

Em conformidade com o que está escrito regularmente no PPP (Projeto, político, pedagógico) da escola sobre o município citado no campo de pesquisa Tabatinga é um município brasileiro do estado do Amazonas, pertencente à Mesorregião do Sudoeste Amazonense e Microrregião do Alto Solimões.

O município está localizado no oeste do estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru, tendo sido criado em 1981. Apresenta uma urbanização com a cidade colombiana de Letícia.

A palavra *Tabatinga* é de origem indígena, vindo do tupi, com significado designado como *barro branco* ou *barro esbranquiçado*. Os indígenas atribuíam-se à região com esse nome por conta do barro branco encontrado abundantemente no fundo do rio da região.

Figura 01: Município de Tabatinga em 1983.



Fonte: Google(2023)

Em meados do século XVII, registra-se a existência, junto à foz do Rio Solimões, de uma aldeia fundada pelos jesuítas. Próximo ao local foi estabelecido em 1766 um posto militar e um posto fiscal, tendo em vista tratar-se de região fronteira à Colômbia e ao Peru.

O responsável pelo estabelecimento do posto militar na região foi Fernando da Costa Ataíde Teives. Entre todas as três povoações de fronteira de maior expressão (São Francisco Xavier de Tabatinga, Vila Ipiranga e Vila Bittencourt) apenas a primeira prosperou ativamente.

Em 1866, no dia 28 de junho, o marco dos limites entre Brasil e Peru foi fixado perto da povoação. Até então, a região era pertencente ao município de São Paulo de Olivença, sendo pouquíssimos municípios de fato criados até a data. Em 1898, com o desmembramento do território de São Paulo de Olivença e emancipação do distrito de Benjamin Constant, o povoado de Tabatinga passa a pertencer ao recém-criado município, incluindo-se neste como um dos subdistritos do distrito-sede.

A emancipação política de Tabatinga deu-se apenas em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda Constitucional do Amazonas nº 12, que passou a determinar o subdistrito de Tabatinga um município autônomo. A instalação do município ocorreu em primeiro de janeiro de 1983.

Tabatinga está localizada no meio da maior floresta tropical do planeta, a selva amazônica, à margem esquerda do Rio Solimões fazendo fronteira com a Colômbia. Possui uma área de 3.239,3 km².

As cidades de Tabatinga e Leticia (Colômbia) são interdependentes, no tocante ao abastecimento das populações. Todavia, o único marco limítrofe é um poste com as duas bandeiras, o que faz com que a população local transite livremente das bandeiras, o que faz com que a população local transite livremente entre os dois países como se as duas cidades fossem uma.

Figura02: Fronteira de Tabatinga e Leticia em 2022.



Fonte: Desconhecida

Em 2016, a população do município era de 62. 346 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tabatinga subiu uma posição e passou a ser o sexto mais populoso do Amazonas.

- População Rural: 15.908
- População Urbana: 36.371
- População Total: 52.272
- Total de Mulheres: 25.931
- Total de Homens: 26.341

A população do município de Tabatinga é altamente miscigenada. É composta por brasileiros, peruanos, colombianos e dentre estes, os indígenas de diversas etnias; cuja maioria é da etnia Ticuna. Dentre os brasileiros em Tabatinga, existe a população rotativa, correspondente aos militares das forças armadas, bancários e pessoas que trabalham para órgãos públicos (Promotor, Juiz, delegados e agentes da PF, forças especiais da policia estadual ex.: ESFROM e nacional ex: Força Nacional, e etc) que vão a Tabatinga passar temporadas ou de pessoas de outros órgãos administrativos federais como a Polícia Federal, a Receita Federal, Justiça Federal, Ministério Público Estadual, Procuradoria Geral da República e Receita Federal do Brasil.

O custo de vida é um pouco elevado em virtude da distância com a capital, todavia, a cidade fronteiriça, Letícia, dá suporte mais favorável, haja vista que tal cidade é livre de todo imposto colombiano, recebendo mercadorias vindas pelo canal do Panamá e Bogotá a preços baixos. Existe um comércio local de vestuários e calçados no centro de Tabatinga, principalmente na Rua Marechal Mallet.

Há também um grande fluxo de mercadorias peruanas vindas da ilha de Santa Rosa – Peru. Em 2015, o Exército Brasileiro era o maior empregador do município, com cerca de mil vagas preenchidas. Depois dele, vêm outros órgãos públicos na lista de maiores empregadores.

Existe uma grande variedade de hotéis, albergues, condomínios, apartamentos, dos mais variados preços. Em relação aos bancos, existem três que atendem a população: Banco do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica Federal. Além de três casas lotéricas.

Em termos de saúde, possui um hospital que é administrado pelo Exército e que atende a população fronteiriça (brasileiros, colombianos, peruanos e outros) e também um Complexo de Saúde administrado pelo Governo do Amazonas que engloba uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) com consultórios para atendimento clínico, de urgência e emergência e a Maternidade Enfermeira Celina Villatrez Ruiz.

Há, ainda, Unidades Básicas de Saúde administradas pelo município e um Laboratório de Fronteiras de Tabatinga (Lafron) administrado pelo Governo do Estado do Amazonas.

Tabatinga vem atingindo uma nota estável no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nos últimos anos. O município saltou de 2,7 pontos obtidos no indicador, em 2005, para 3,6 pontos em 2011. O crescimento vem se mantendo estável, apesar de pouca progressividade. De acordo com dados do indicador em 2011, de cada 100 alunos do ensino fundamental residentes no município, 17 não alcançaram posições satisfatórias, o que gerou um fluxo de 83% de aprovação.

Há, em Tabatinga, escolas municipais, estaduais e duas federais (núcleo do Colégio Militar de Manaus e Instituto Federal do Amazonas (IFAM), que oferece ensino médio de forma integrada e subsequente, além de instituições de ensino privadas, que atendem à população nos ensinos fundamental e médio.

Quanto ao ensino superior, ela é atendida por um Centro de Estudos Superiores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pelo núcleo do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e por polos de ensino a distância (EAD) de algumas instituições particulares de ensino superior tais como: Universidade Paulista (UNIP). Há também o acesso por via fluvial ao campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), situada em Benjamin Constant.

Há uma delegacia geral de Polícia Civil, uma Delegacia da Polícia Federal, um batalhão da Polícia Militar do Amazonas - PMAM, um presídio, um efetivo da Força Nacional do Brasil, um Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tabatinga (DTCEA-TT), um Comando de Fronteira do Exército, representado pelo 8º Batalhão de Infantaria de Selva e duas unidades do Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas, uma instalada no Aeroporto Internacional de Tabatinga, para atendimento a incidentes e acidentes aeronáuticos no âmbito interno ao aeroporto, e outra no centro da cidade para atendimento às ocorrências em Tabatinga e nas cidades vizinhas.

No dia 16 de junho de 2014 foi instalado o primeiro grupamento do Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas (4ª Companhia de Bombeiros Militar) para executar dentre os diversos serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros o Serviço de prevenção contra incêndio, combate a incêndio, salvamento de vidas, patrimônio e o meio ambiente.

O Aeroporto Internacional de Tabatinga serve o município e demais localidades do Alto Solimões. Tabatinga conta com vôos direto para Manaus operados pela empresa Azul Linhas Aéreas Brasileiras, vôos da aviação geral (táxi aéreo) e uma grande movimentação de vôos militares, servindo o aeroporto como ponto estratégico de apoio às operações da Força Aérea Brasileira – FAB, Exército Brasileiro – EB, Marinha do Brasil – MB, Departamento de

Polícia Federal - DPF e ainda apoio a aviação internacional por conta de acordos firmados entre os países Brasil, Peru e Colômbia.

Figura03: Aeroporto Internacional de Tabatinga



Fonte: Desconhecida

Há mais variadas boates que tocam os mais variados ritmos e gêneros de música (vallenato, cumbia, reggaeton, bachata, pagode, forró, dance, mpb e música eletrônica) bem como bares e restaurantes onde é possível tomar vários tipos de bebidas nacionais e colombianas ou peruanas, como a "michelada", ou apreciar as comidas típicas como o cebiche, a arepa e a feijoada

Destacam-se o Reveillon, com a tradicional queima de fogos no rio Amazonas ou rio Solimões; o carnaval, com o desfile das escolas de samba e blocos carnavalescos; as festas juninas (com os arraiais se estendendo desde meados de maio até novembro), as comemorações cívicas como os desfiles de 20 de julho (Independência da Colômbia), 5 de setembro (Ascensão do Amazonas) e 7 de setembro (Independência do Brasil); o Festival da Confraternidade (Brasil-Colômbia-Peru); e o Festival das Tribos do Alto Solimões - FESTISOL.

Figura04: Festival Internacional



Fonte: Google (2023)

O Festival das Tribos do Alto Solimões é um grande evento cultural que reúne a disputa entre os adeptos da onça pintada e da onça preta no "onçódromo". Esse festival tem similaridade ao festival que ocorre na cidade de Parintins- AM entre os "bois" Caprichoso e Garantido.

A onça preta representa a cor azul e a onça pintada representa a cor vermelha. Na arena, ou melhor, no "onçódromo" cada agremiação tenta mostrar o seu melhor quanto a alegorias, coreografias e animação das torcidas para cativar os julgadores dos itens observados.

Isso se traduz num belo espetáculo de cores e de ritmo que encanta a todos que participam. É um festival que geralmente ocorre no mês de setembro no período de cinco dias, onde no último dia tem o resultado da onça vencedora e atrações locais, nacionais e internacionais vindas da Colômbia.

Figura05: Avenida da amizade



Fonte: Google (2023)

A referida escola situa-se na Avenida da Amizade s/n, zona urbana do município de Tabatinga, Estado do Amazonas, tendo como ponto de referência ao norte, a Rua Osvaldo Cruz, ao sul, de frente a Rua Santos Dumont, a oeste, encontra-se a principal Avenida da cidade de Tabatinga, a Avenida da Amizade e ao leste, a Rua Duque de Caxias, próximo a cinco bairros importantes: Bairro das Comunicações, D. Pedro I, Tancredo Neves, Rui Barbosa e Centro.

A) A escola

Após explanar sobre o município de Tabatinga cabe abordar melhor a escola Jociêdes Andrade, uma entidade Educacional regida pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Tabatinga-Am, construída e inaugurada no dia 28 de dezembro de 1992.

Figura 06. Escola Municipal Jociêdes Andrade



Fonte: HOLGUIM (2023)

O nome da Escola Municipal Jociêdes Andrade é uma homenagem a professora da rede Estadual de Ensino, que em 1992 atuava como Sub-Secretaria Municipal de Educação no município de Tabatinga e foi vítima de acidente de trânsito na Avenida da Amizade, aos 28 anos de idade.

A instituição iniciou suas atividades escolares em 05 de março de 1993 com a Educação Básica, com o curso: Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, autorizado legalmente para funcionamento através do decreto nº. 078 A de 05 de março de 1993. A Escola Municipal Professora Jociêdes Andrade iniciou no ano de 2000 a oferta da modalidade de ensino, Educação de Jovens e Adultos – (EJA) – 1º e 2º segmentos de Ensino Fundamental no período noturno.

De acordo como PPP da escola a instituição tem a missão de trabalhar a formação dos educandos de forma crítica e construtiva, em que eles tenham a oportunidade de exercitarem essas posturas através de suas ações e orientações pedagógicas. Paulo Freire (2003,p.40) argumenta que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]” para que a teoria passe para a prática e se concretize em uma educação cidadã de qualidade que desenvolva o aluno em sua plenitude.

A comunidade escolar é formada por várias etnias, sendo que a maioria é cabocla. Há um grande intercâmbio com alunos peruanos, colombianos e ticunas. Isso ocorre com a vinda de pessoas das pequenas cidades que fazem fronteira com o município de Tabatinga e de alunos

ticunas que vem de suas comunidades em busca de melhorar o seu aprendizado na língua portuguesa.

A escola atende uma demanda de mais de mil alunos com ensino fundamental distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola é composta por 01(um) gestor, 01(um) co- gestor, 03(três) apoios pedagógicos que ficam na secretaria, biblioteca e direção, 32 (trinta e dois) professores graduados e 04(quatro)funcionários e funcionários técnicos e administrativos.

O prédio escolar é construído em alvenaria e dispõe de uma estrutura física com uma área de 46,06m de largura e 140m de comprimento. A área construída é 30,50m de largura e 68,09 de comprimento. Possui 12 salas de aula, 1 sala do(a) gestor e coordenador, 1 sala dos professores, 1 biblioteca, 1 cozinha, 1 secretaria, 1 despensa, 1 refeitório, 1 cantina, 1 pátio interno não coberto, 1 quadra esportiva coberta, 1 horta, 2 salas de Ludoteca, 1 auditório, 1 laboratório de informática, 2 laboratórios de matemática e ciências, 1 sala de atendimento médico, 1 gabinete odontológico.

1.2.5 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 02 (dois) professores, ambas do sexo feminino, concursadas, com idade entre 32 a 41 anos. As docentes serão denominadas de professora A e professora B, O quadro abaixo mostra as características das docentes que atuam na modalidade de jovens e adultos com suas perspectivas características e formações.

Quadro 01: Característica, formação e continuação

| Docentes | Formação | Especialização | Tempo de atuação | Formação continuada para atuar na EJA |
|-----------------|-----------------|-----------------------|-------------------------|--|
| Professora A | Pedagogia | Psicopedagoga | 6 anos | Não |
| Professora B | Pedagogia | Psicologia | 3 anos | Não |

Fonte: Pesquisa de campo, questionário, 2023

As informações do quadro apresentam as qualificações que as professoras possuem, porém nenhuma com formação continuada ou específica para trabalhar na modalidade de Educação de Jovens e adultos.

Além das docentes também foram sujeitos da pesquisa o gestor da escola e os 18 discentes da turma do 1º segmento que foi observada, porém apenas 04(quatro) alunos

responderam os questionários aplicados aqui denominados de alunos A,B,C e D. Os alunos tinham idade entre 32 e 48 anos.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS-LEGAIS

Este capítulo discorre sobre a abordagem teórica legal da Educação de Jovens e Adultos, apresentando o histórico da EJA, a relação entre alfabetização e letramento; a alfabetização na EJA; bem como as contribuições de Paulo Freire para a Alfabetização na EJA e a contribuição da EJA para o ensino no Brasil. Os tópicos abordados ajudam na compreensão da realidade da EJA em âmbito nacional e ajudam na análise dos dados durante a pesquisa.

2.1 O HISTÓRICO DA EJA

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos sempre foi alvo de discussões e de questionamentos, e isso se deve a maneira como a modalidade foi tratada desde o princípio pela sociedade e pela própria escola. Os alunos que recorrem a EJA para concluir seus estudos, por causa do preconceito social que se estabeleceu, passou a ter uma imagem marginalizada, sendo aquele que pouco aprende, um sujeito pobre, que não possui uma cultura suficiente ou inferior, considerado um sujeito com habilidades insuficientes para atuar em diferentes ambientes, já que não sabem ler ou escrever.

A EJA é marcada por uma trajetória de domínio da classe dominante sobre a classe dominada. É como se a educação destinada a pessoas menos afortunadas das classes populares fosse uma espécie de assistência e não um direito institucional (CURY, 2016).

A linha do tempo da EJA no Brasil é muito confusa, pois ela também se depara com a linha geral que foi construída no processo integrativo da educação brasileira. Por isso, cabe lembrar a educação desde o período colonial, onde os Jesuítas, dentro de uma postura e visão missionária, buscaram “educar” os índios nativos, que já estavam no país antes dos colonizadores chegarem, contribuindo para o desenvolvimento da formação da sociedade que estava se estabelecendo no Brasil.

A maior parte dos alunos que esses missionários priorizaram eram adultos e para conseguir institucionalizar o ensino, os Jesuítas passaram a instituir normas que foram padronizadas para que as ações e comportamentos dos índios estivessem de acordo com as necessidades dos seus colonizadores, o que incluía a educação e a fé.

Era preciso que os índios aprendessem sobre o processo colonizador para serem usados como mão de obra, o que aconteceu, também, com os negros escravizados. A intensão sempre foi o convertimento a fé católica, e por isso os nativos teriam que aprender a ler e escrever. No entanto, tempos depois, se estabeleceu no país as escolas para os colonizadores e seus descendentes (BARRETO; BESERRA, 2014).

O interesse em ensinar partia da igreja, o papado, e de Portugal, o Estado. A intensão era dominar e integrar atividades comerciais, unir forças, por isso entenderam que sobrepor seus costumes, cultura e modelo educacional era tão importante para manter os nativos sob suas pretensões. Apesar da base educacional do país ser a educação voltada às crianças, os adultos, também, precisam ter acesso ao ensino oferecido para entender o que os colonizadores lhes ordenavam. Já a educação das crianças era mais simples, e havia um grande interesse nela, visto que, através das crianças eles poderiam construir uma nova geração que obedecessem aos preceitos da igreja e do Estado.

O plano de trabalho com as crianças era compreendido como fator primordial para os colonizadores, já que os adultos eram considerados pelos mesmos como indivíduos com pouco ou sem nenhum conhecimento científico válido, ou seja, não se podia contar com eles para os planos da Coroa. Desse modo, consideraram a ideia de que as crianças deveriam ser separadas de seus familiares para não aprenderem a cultura “bárbara” dos seus genitores (GALVÃO; DIPIERO, 2012).

Quando o Marquês de Pombal expulsou os Jesuítas, o ensino passou a ser desorganizado, por isso a educação de jovens e adultos só passou a ser mencionada novamente no período do Império. Segundo Neto e Maciel (2018), mesmo após os movimentos que agitavam a Europa no século XVIII e com a expulsão dos Jesuítas pelo ministro, a reforma feita pelo marquês não apagou a influência da igreja na educação dos colonizados.

A iniciativa pombalina para a educação trazia diferentes vertentes, mas os preceptores estavam incapacitados de acompanhar novos modelos educacionais mais modernos. O que fez com que durassem treze anos para que todos os Jesuítas fossem substituídos. Com isso, as disciplinas passaram a ser ensinadas isoladamente. Estima-se que o ponto crucial da saída dos Jesuítas foi justamente a efetivação de um sistema de ensino público no Brasil.

O ensino que foi apregoado pelos Jesuítas influenciou, sobremaneira, tanto o império quanto a república, já que transformou a educação em um sistema de classes, ampliando a oferta escolar para as camadas mais pobres. Diante disso, tudo permaneceu sem mudanças e nenhuma reformulação foi feita para ser considerada significativa (ROMANELLI, 2014, p. 36).

O sistema de ensino pensado por Pombal desenvolvia-se por meio das aulas régias, e com isso, o número de analfabetos era imenso. Em uma pesquisa realizada em 1872 pelo Censo demográfico no Brasil ficou-se sabendo que o índice de analfabetismo no país chegava a mais de 80% entre os indivíduos do sexo masculino e chegando a 90% entre as do sexo feminino (GALVÃO; DI PIERO, 2012). O que era muito preocupante, mostrando que era necessária uma reformulação nacional, capaz de promover uma educação para todos.

Foi por meio da constituição de 1824 que se passou a oferecer o ensino primário para todas as pessoas, inclusive os adultos. Embora parecesse interessante e legal essa proposta, na prática ela não funcionava como deveria, pois os profissionais não recebiam nenhum tipo de formação e apresentavam despreparo, já que tinham poucos professores atuando, além de ter poucas escolas estruturalmente ruins, funcionando sem organização ou qualquer plano de ação coerente (GALVÃO; DI PIERO, 2012).

Dessa forma, Aranha (2016) salienta que apenas em 1834 por meio um Ato adicional a educação passou a ser responsabilidade das províncias. E mesmo com o ensino direcionado a jovens e adultos, os métodos usados eram insuficientes e não apresentavam qualidade. Os professores que aceitassem lecionar adulto deveriam o fazer por uma missão, não recebiam salários. A educação de jovens e adultos era percebida como uma alternativa de civilizar uma camada taxada como degenerada ou perigosa.

Em 1891 a educação passa a ser pública, mas os direitos ainda eram reservados a elite. Já em 1915 foi fundada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo, que era um movimento que disseminava ideias para combater a ignorância e tinha seu discurso voltado aos intencões republicanos (GALVÃO; DI PIERO, 2012).

A falta de comprometimento por parte do governo se justificava pela ideologia dominante monárquica e agroexportadora que via a educação escolar desnecessária aos trabalhadores do campo, devendo aceitar a posição à qual foram destinados na sociedade.

Em 1920 mais de 70% da população continuava analfabeta e nada foi feito para modificar esse quadro. A realidade de alta exclusão educacional levou educadores a organizarem em prol de campanha contra o analfabetismo. Esse movimento ficou conhecido como o “Movimento dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932. Para os promotores dessa campanha, somente a educação poderia modificar a estrutura que mantinha o povo ignorante, a margem da sociedade e leigos para opinarem sobre assuntos econômicos, sociais e políticos.

Apesar dessa campanha não ter a educação de jovens e adultos como bojo, foram relevantes, pois desencadearam discussões que mais tarde serviram de atenuantes para a educação de adultos (GADOTTI, 2018). A crescente urbanização e industrialização no Brasil

que precisava de trabalhadores letrados levaram o governo a buscar realizar ações para escolarização da população, porém pautada na mera transmissão de conhecimentos necessários e limitados à formação de mão de obra subserviente.

Todavia, Paulo Freire, um dos precursores da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, lutou pelo fim da educação elitista, pois:

O fundamental na alfabetização de adultos é que o alfabetizando descubra que o importante mesmo não é ler estórias alienadas e alienantes, mas fazer história e por ela ser feito. Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura e que servisse de introdução; uma experiência susceptível de tornar compatíveis sua existência de trabalhador e o material que lhe era oferecido para aprendizagem. (FREIRE, 1980, p. 41; FREIRE, 2003, p. 254).

Em seu pensamento Freire defendia a ideia de que a educação deveria ser democrática e libertadora. E partindo dessa luta, a EJA viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela tínhamos há poucos anos atrás e pode ser melhor percebida quando a situamos hoje como Educação Popular, uma vez que:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) em sentido amplo é um campo carregado de complexidades que carece de definições e posicionamentos claros, é um campo político, denso e carrega consigo o rico legado da Educação Popular (ARROYO, 2001, p.7).

A Educação popular, como uma proposta de ensino, valoriza o saber prévio do povo e suas realidades culturais. Ela se transformou para educandos e educadores, como um processo de reflexão e militância, no qual, vários docentes e grupos populares descobriram que através desse movimento (proposta) é possível pensar em uma educação libertadora. Pois para Paulo Freire existe:

Uma relação originária entre dialética e diálogo e define a educação como a experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando, e entende que a dialética exige não somente do educador uma ação criadora própria, mas, simultaneamente, na inclusão prática da atividade educativa na experiência continuada do trabalho educacional com os educandos (SHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 69-70).

E dentro desse campo complexo, o educando se constitui como sujeito, através da construção de novas aprendizagens, por meio de um olhar crítico, que facilita o seu movimento no contexto ao qual está inserido, ou seja, sua comunidade. Permite também, que seja

desenvolvido no educando o estímulo, o diálogo, uma participação mais consciente, uma melhor leitura da realidade social, política e econômica, à medida que cria no sujeito através do conhecimento adquirido a consciência cidadã.

Assim, a Educação popular utiliza o conhecimento da comunidade como subsídio para a construção de novos saberes, valorizando os sujeitos envolvidos no processo de educar, sendo que sua aplicação é mais comum em Instituições socioeducativas, em aldeias indígenas e no ensino de jovens e adultos.

A EJA é um direito garantido à todos aqueles que não concluíram a educação básica ou que, por algum motivo não frequentaram à escola. Segundo a Constituição Federal de 1988 diz: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Para garantir esse direito Constitucional também para jovens e adultos a LDB_ Lei de diretrizes e Bases N. 9394/96 tratou da Educação de Jovens e Adultos em seus Art.22 onde determinou-se: “Está prevista a Educação de Jovens e Adultos-EJA, classificada como parte integrante da Educação Básica, sendo, portanto, dever do Estado disponibilizar vagas nessa modalidade de ensino aos que não foram escolarizados na idade considerada como correta.”

O art. 22 afirma por Lei que é dever do estado ofertar a EJA. A princípio nesse artigo estamos falando de ensino e dever do estado em prol das pessoas que foram escolarizadas na idade certa e as que não foram e tiveram um descompasso durante sua trajetória, tendo a oportunidade de cursarem de forma acelerada seus estudos, mas com a garantia dos estudos dos conhecimentos necessários ao alcance das finalidades educacionais.

Outro artigo da LDB que trata da EJA é o Art. 37 onde ficou estabelecido que “A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.”

O art. 37 diz que a EJA é para as pessoas que não tiveram acesso ao estudo do ensino fundamental e médio na idade própria ou até tiveram acesso mais não deu continuidade regular, essa seria a forma desses alunos cursarem o ensino fundamental e o ensino médio. A EJA constitui-se como instrumento para educação e aprendizagem ao longo da vida. Nós professores sabemos que a educação não termina quando a pessoa conclui o ensino médio ou algum técnico ou superior o aprendizado é contínuo e acontece ao longo da vida e a LDB assegura isso ao público da EJA quando apregoa, no Art. 38. que “Os sistemas de ensino manterão cursos e

exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.”

Os sistemas de ensino devem ofertar cursos e exames supletivos para que jovens e adultos possam terminar seus estudos e prosseguir-nos normalmente em caráter regular, ou seja, se os mesmos quiserem cursar um curso profissionalizante ou não profissionalizante a nível de ensino fundamental ou ensino médio e uma graduação poderão seguir esse caminho, pois estarão habilitados para isso.

A partir da LDB foram elaboradas as diretrizes curriculares nacionais da educação de jovens e adultos aprovadas pela resolução CNE/CEB N° 1, de 5 de Julho de 2000. Esta resolução deve ser obrigatoriamente observada na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino, á luz do caráter próprio desta modalidade de educação. (art 1° das DCNEJA,2000). Desta forma, as diretrizes vêm assegurar a forma de funcionamento e direcionar a práticas pedagógicas e a organização do currículo na EJA para garantir a aprendizagem dos jovens e adultos desta modalidade de ensino.

Em 2010 foram aprovadas as diretrizes operacionais da EJA por meio da resolução N° 03 de 2010 do CNE, uma conquista na questão dos aspectos relativos á duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvidos por meio da Educação a distância.

A educação de jovens e adultos também foi tratada em três metas específicas do PNE-2014/2024, sendo elas:

Meta 8. Elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados a fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

[...]

Meta 9. Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

[...]

Meta 10. Oferecer, no mínimo 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamentais e médio, na forma integrada a educação profissional.

Frente ao exposto, verifica-se que a EJA foi sendo ofertada por meio de programas para escolarização da população excluída do direito à escola, mas apenas garantida como direito

a partir da CF/88. A EJA possui um foco amplo que visa uma sociedade com equidade e uma educação eficaz. A legislação vigente estabelece que a idade para se matricular na EJA é de quinze anos para o Ensino Fundamental e dezoito anos para o Ensino Médio.

A escola é o espaço destinado à educação, um local onde se aprende, ensina, reflete, interpreta, compreende e age com criatividade e criticidade, pois é nela que se constrói o futuro cidadão. Portanto, a EJA ocupa o espaço escolar para acolher essa população marginalizada que deseja ter a oportunidade de conquistar seu espaço com conhecimentos, respeito e autonomia para agir na sociedade e o desafio inicial é com o processo de alfabetização e letramento desse alunado.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sabe-se que alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar. Para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Considerando a alfabetização um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. É por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas. Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente.

Passamos a conceber a alfabetização como uma construção conceitual, contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo, que acontece desde os primeiros contatos da criança com a escrita. Tal compreensão enfatiza que o aprendizado da escrita alfabética não se reduz apenas a um processo de associação entre letras e sons.

A convivência diária com rótulos de embalagens, símbolos, propagandas, cartazes, nomes de ruas, placas, avisos, bilhetes, receitas, cartas fichas, jornais, revistas, livros entre outros, faz com que o sujeito se familiarize com o texto escrito e estabeleça uma série de relações, levantando hipóteses e procurando compreender o significado. Mesmo antes de serem submetidas a um processo sistemático de alfabetização, as pessoas convivem com determinadas situações de leitura e escrita que contribuem para o aperfeiçoamento de seu processo de letramento.

Ferreiro e Teberosky, ao pesquisarem a psicogênese da língua escrita, revelam a maneira pela qual a criança e o adulto constroem seu sistema interpretativo para compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Mesmo quando ainda não escrevem ou lêem da forma convencionalmente aceita como correta, já estão percorrendo um processo que os coloca mais próximos ou mais distantes da formalização da leitura e da escrita (LIRA, 2006, p. 44).

O indivíduo, independentemente da classe social, percorre os caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis estruturais de pensamento. Esses níveis foram intitulados por Emília Ferreiro (1999) de nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético. As primeiras ideias infantis sobre a escrita referem-se a variadas hipóteses que “reinventam” o sistema alfabético. Inicialmente, as crianças descobrem que escrever não é a mesma coisa que desenhar.

Segundo Ferreiro (1999), essa diferenciação entre desenho e escrita geralmente já acontece mesmo antes da criança entrar na escola, pois ela está inserida em uma sociedade grafocêntrica. Para Ferreiro (2001, p.9) tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” da criança. Neste sentido, a criança tem o seu momento certo de aprender, isso nos leva a entender que nem sempre o momento de uma criança seja o mesmo momento de outra criança, é relativamente diferente o nível, pois cada criança tem o seu momento de aprender, dependendo do grau de maturidade que ela tenha. A criança e o adulto em fase de alfabetização usam a estratégia fonológica (escrever como se fala).

Nesta fase, a leitura e a escrita apoiam-se em estratégias diferentes. De acordo com Soares citada por Morais e Albuquerque (2007, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Para uma pessoa se tornar letrada, ela precisa ter experiências culturais com práticas de leitura e escrita, práticas estas que são adquiridas antes da educação formal. Isso se processa porque convive em ambiente letrado, com pessoas que lêem, que têm contato com revistas, jornais, gibis, ou qualquer coisa que a leva a pensar em leitura. Essa situação certamente ela se motivará para ler e escrever, começando desde cedo a poder refletir sobre as características dos diferentes textos os quais tem acesso.

De acordo com Soares (2011), o termo letramento é uma tentativa de tradução do inglês Literacy, significando “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita”. O letramento difere da alfabetização, que é o processo formal de ensinar a ler e a escrever. Kleiman citada por Lira (2006), diz que o letramento ocasiona mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas a partir da inserção dos indivíduos nas sociedades tecnológicas e, por isso, mesmo o analfabeto poderá ser letrado de acordo com seu convívio social.

Letramento é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 7). Ou seja, letramento é além de saber ler e escrever, entender o que se ler e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social, sua experiência cotidiana. Portanto, o letramento extrapola o mundo da escrita.

Alfabetizar é muito mais do que codificar e decodificar o código alfabético, por isso letramento se soma com a alfabetização e o educador precisa saber o momento certo para articular leitura e produção de texto, fazer as intervenções adequadas para o aluno progredir, pois é uma fase de libertação, aquisição da escrita e não pode ser entendida como um recurso memorativo, alfabetizar é oferecer ao aluno a oportunidade de se expressar dando a oportunidade do mesmo construir o seu próprio conhecimento.

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (FERNANDES, 2010, p.19).

Alfabetização e letramento apresentam uma relação muito forte. As duas ações são distintas, mas inseparáveis, não se pode alfabetizar sem letrar, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever de modo que a criança se torne ao mesmo tempo, alfabetizada e letrada, saber interpretar o que lê.

De acordo com Rios e Libânio (2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais,

apesar de serem conceitos distintos”. Depois que o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente a decodificação, ao simples ensinar a ler e escrever. Mas sabemos o quanto é importante ensinar a ler e escrever, porque o sistema alfabético é necessário para o indivíduo entrar no mundo da leitura e da escrita. Temos que valorizar a alfabetização relacionando a mesma com o letramento.

O letramento inicia-se quando a criança começa a letrar-se a partir do momento em que convive com pessoas que fazem uso da língua escrita, vive em ambiente rodeado de material escrito. Desta forma, ela vai conhecendo e reconhecendo prática de leitura e da escrita. Já a alfabetização, por sua vez, começa quando a criança passa a frequentar a escola, concretizando o hábito e as práticas da língua escrita.

Se as crianças crescem em comunidades iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses “mínimos de alfabetização”, que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar a sua produtividade em uma fábrica, contudo não teremos de formar cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta (FERREIRO, 2004, p. 54).

Desta forma, a relação entre alfabetização e letramento acontece quando entendemos que alfabetizada é a pessoa que aprende a escrita alfabética com habilidades para ler e escrever, sequencialmente, e letramento é a continuação do saber ler e escrever, associado e vivenciado nas práticas sociais.

Neste sentido, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos podem ser vistos como simultâneos. Deve-se alfabetizar letrando. Porém esse é o desafio da alfabetização: alfabetizar letrando. O alfabetizador precisa entender que alfabetização é um processo complexo que inicia antes da alfabetização escolar enfatizando os seus usos sociais. Ou seja, para que um sujeito seja considerado letrado não é necessário que ele tenha frequentado a escola ou que saiba ler e escrever basta que o mesmo exercite leitura de mundo no seu cotidiano participando ativamente na comunidade.

A escola é apenas uma das agências de letramento que se preocupam com a alfabetização, mas o letramento, como prática social, é adquirido na rua, no local de trabalho, na família, na igreja em outros contextos sociais. Através do saber adquirido, o conhecimento arduamente realizado deve ser mantido e assim o mediador faz as adaptações da língua escrita, sendo assim necessário, sem desconsiderar o conhecimento de mundo por eles conquistados.

Os professores desejam que o aluno seja sujeito de sua aprendizagem, que a criança aprenda refletindo e construindo sua compreensão, mas propõe no dia a dia tarefas essencialmente mecânicas como cópia e junção de sílabas. No entanto, essa compreensão deve ser encarada como essenciais para os educandos, em nível satisfatório de compreensão de mundo em que vivemos. Para tanto, professores alfabetizadores devem preparar um ambiente alfabetizador, onde todos possam ter contato direto com livros, preparados não só para ler, mas para entender o que ler, ou seja, alfabetizados e letrados.

Em relação à aprendizagem da leitura e da escrita, geralmente se ensinava o aluno a codificar e decodificar, através da utilização de métodos de alfabetização, e só depois se ofereciam atividades de leitura e escrita de textos. Atualmente, o processo de alfabetização só tem sentido completo se o educador também inserir no ensino-aprendizagem o letramento, ou seja, propor um conjunto de práticas de construção de conhecimento que significam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito, de exercícios de reflexões e competência da escrita.

Para alfabetizar letrando o professor deve realizar um trabalho social com a intenção de desenvolver atividades pedagógicas que busquem aproveitar a vivência do aluno e também é necessário que o docente tenha sensibilização para melhor ajudar o educando no processo de alfabetização e letramento.

Quando o professor compreende o universo de seu aluno e aplica todo o seu conhecimento e sabedoria com base na realidade, as práticas escolares ajudam os alunos a refletir enquanto aprende a descobrir os prazeres e ganhos que se pode experimentar. Da mesma forma, quando a aprendizagem do sistema da escrita é considerada como meio para exercer a leitura e a escrita de cidadãos letrados.

Não podemos negar que a prática de ensino corresponde à prática específica de leitura e escrita: Os alunos lêem textos “cartilhados”, vinculados aos fonemas ou as sílabas que estão estudando, textos que só são lidos/ escritos na escola para cumprir as funções sociais às quais se destinam aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 23).

O professor deve estimular o desenvolvimento das habilidades dos alunos de reflexão sobre as relações entre partes faladas e partes escritas no interior das palavras. Esta ação pode ocorrer dentro da escola e devem facilitar a compreensão por parte dos alunos, que todos vivenciem suas ações sociais para facilitar o acesso à leitura e a escrita é um direito de cidadania e uma função do sistema escolar.

2.3 A ALFABETIZAÇÃO NA EJA E AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino amparada pela lei; é voltada para pessoas que não tiveram acesso à escola por alguma situação na idade própria. Segundo Ribeiro (2001), a alfabetização de adultos é uma prática de caráter político, pois se destina a corrigir ou resolver uma situação de exclusão, que na maioria das vezes faz parte de um quadro de marginalização maior.

No Brasil, pensar em Educação de Jovens e Adultos é pensar em Paulo Freire. O mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais, conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para ele, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno principalmente em relação às parcelas da população desfavorecidas. A educação freiriana está voltada para a conscientização de vencer primeiro o analfabetismo político para concomitantemente ler o seu mundo a partir da sua experiência, de sua cultura, de sua história. Perceber-se como oprimido e libertar-se dessa condição é a premissa que Freire (2013, p. 31) defende:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando está se revista da falsa generosidade referida.

Freire mostra que é necessário na educação uma prática da liberdade; quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo, mais se sentirão desafiados e responderão de forma positiva, ao contrário de uma educação bancária, domesticadora, que apenas ‘deposita’ os conteúdos nos alunos. Para Freire, "não há saber mais ou menos; há saberes diferentes" (2013, p. 49). Defensor do saber popular e da conscientização para a participação, Paulo Freire inspirou muitos movimentos sociais que lutaram em busca da equidade social. As premissas de Freire motivam até hoje ações da sociedade civil em prol da efetivação da cidadania.

Cabe dizer que a alfabetização de jovens e adultos foi desenvolvida durante muito tempo a base de cartilhas, a partir da mera memorização e codificação. Hoje não é possível texto sem contexto e o educador vai superando a visão mágica e autoritária do educador

(SOARES, 1998), principalmente na realidade do aluno da EJA que é distinta da de crianças do ensino fundamental e médio, na medida que estes ao chegar na sala de aula já estão cansados, exaustos do dia de labuta.

Os alunos da EJA trazem consigo uma bagagem muito grande, um conhecimento do mundo obtido pela sua experiência de vida. Os conhecimentos prévios devem ser base para seu processo de alfabetização, para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois para Freire antes do ler e escrever a palavra, deve ocorrer a leitura de mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Ao ir escrevendo este texto, ia tomando distancia” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando a minha experiência e o existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, ao pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”. (FREIRE, 1981, p. 12).

Numa progressiva leitura de mundo, da vivência, podemos afirmar que a leitura jamais poderá sair da realidade escolar, pois esta é fonte de conhecimento, traz sempre para o sujeito algo inovador, a ver o mundo com outro olhar. Estar em estado de analfabetismo não dá a esse sujeito a liberdade do ir e vir, no processo mais amplo aqui descrito nesse artigo, a alfabetização contempla o mundo novo, a produção de sentidos, pois para Freire (1981, p. 15),

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro, gravetos, o meu giz.

Dessa forma, verificamos que a alfabetização não se dá somente dentro da sala de aula, o ser aprendiz pode estar em qualquer lugar e ter em mente a curiosidade das letras, das palavras, bastando apenas querer. A prática da leitura é o momento magnificado, não é preciso ler obras obrigatórias, longas, em sala de aula, mas também textos curtos como poesias, crônicas, contos, reportagens e outros do interesse da turma.

Sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o autor comenta “Parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (FREIRE, 1981, p.19). Freire acreditava que alfabetizar com a memorização poderia ser um ato mecânico, algo vazio para repassar aos adultos. Por isso ele defendia uma alfabetização mais ampla que equivale ao que é apregado hoje como “letramento”.

Como afirma Soares (2003), “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”, já que os alunos que estão na Educação de Jovens e Adultos já se encontram na sua grande maioria no processo de letramento, não pode separar nesse momento os dois processos. O conceito de letramento está em evidência no cenário atual da educação, pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais.” (SOARES, 2004, p.24). Esta pesquisadora afirma que, no Brasil, há um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita.

Portando, podemos afirmar que as condições para que o letramento se efetive são: uma escolarização real e efetiva da população e a disponibilidade de materiais diversificados de leitura, objetivando que os educandos tenham maior acesso não só à realidade em que vive, mas também a outros bens culturais, que são fundamentais para a ampliação da competência comunicativa do ser em formação.

A atual política de Educação de Jovens e Adultos, fruto das reivindicações de grupos e movimentos sociais de educação popular, diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988.

Essa Constituição incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art. 205). Retomado pelo Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/96), esse princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a EJA (modalidade que visa, além da escolarização, à inclusão e ao resgate da cidadania e à reparação de anos de segregação educacional) esforça-se em prol da igualdade de acesso à educação como bem social.

O Art. 37 da LDB prevê que “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento”; dessa forma, e se realmente acontecesse o que está previsto em lei, teríamos muito mais jovens dentro das escolas. O jovem quer trabalhar, mas faltam qualificação e oportunidades, principalmente a de concluir a Educação Básica e ter parcial domínio das novas tecnologias.

Paulo Freire, em suas obras visando à libertação, dá um significado especial a essa relação professor/aluno: “Para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de jovens e adultos demanda, entre educadores e educando, uma relação de autêntico diálogo”.

O papel do professor é destacar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, ou seja, transformar os obstáculos em dados de reflexão para entender os processos educativos, que, como qualquer faceta do social, estão relacionados com seu tempo, sua história e seu espaço.

Nesse sentido, como alerta Fonseca (2015), é fundamental que os professores:

Conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim, cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno abaixa a autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e adultos, principalmente os trabalhadores.

Portanto, a relação professor-aluno é fundamental para o processo de conscientização/libertação/conhecimento. Tudo que o professor faz em sala de aula influencia o desenvolvimento da apropriação dos conceitos. A maioria dos alunos de EJA vem de um longo e cansativo dia de trabalho e anos sem frequentar a escola; o professor precisa ter muita responsabilidade, dedicação e criatividade para que esses alunos sejam incentivados a permanecer na escola.

O professor é o mediador e incentivador de cada aluno, e o bom relacionamento, preocupação e carinho com os alunos ajudam no seu desenvolvimento intelectual, incentivando-os a continuar frequentando as aulas. Criatividade, solidariedade e confiança são essenciais na relação entre o professor e o aluno de EJA. A autoestima elevada influencia na capacidade de todos de aprender e ensinar.

2.4 A CONTRIBUIÇÃO DA EJA PARA O ENSINO NO BRASIL

A educação é a porta de entrada para o mundo do conhecimento, para a troca de ideias, ciclo social e a preparação para o trabalho. Na educação formal e não formal dos diferentes grupos sociais, há assistência e aprendizado; o intuito é oferecer uma educação adequada e eficaz, que possa transformar a vida dos sujeitos. Indica-se, também, os direitos e deveres dos cidadãos, para que sejam capazes de criticar, questionar e participar da sociedade de forma plena. Através da educação, todo ser humano é capaz de se socializar, acolher informações, criar sua identidade e conquistar seu espaço no mundo.

A EJA almeja, também, desenvolver novas habilidades, formar cidadãos críticos, questionadores e conhecedores de seus direitos e deveres, além de um sujeito pleno e apto para exercer seu papel na sociedade. A modalidade do EJA não é apenas uma reposição de escolaridade; ela fomenta a construção de conhecimentos que transformam o mundo. Esses sujeitos já possuem uma educação na informalidade, com base familiar e grupo social onde estão inseridos.

Por essa razão, necessitam de uma pedagogia diferenciada e adaptada, na busca por uma perspectiva de vida melhor, em um mundo consciente e solidário, onde é possível evidenciar transformações — nas áreas legislativa, pedagógica e intelectual. Ao analisar o histórico da EJA, percebe-se a evolução nas esferas conceituais e organizacionais. Essa evolução traz ao seu público-alvo uma visão equalizadora, de compromisso com a qualidade social da formação e com vistas à inclusão; assim, não há mais o caráter compensatório, mas sim de diálogo e liberdade de se expressar criticamente, como deve ser na democracia.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem enfrentado muitos obstáculos na jornada por uma educação eficaz e progressiva, destinadas aqueles que não tiveram oportunidade ou, por alguma particularidade, de frequentar a escola na idade escolar. O alto índice de analfabetismo e a baixa escolaridade da população brasileira contribuem para a desigualdade socioeconômica na sociedade; como consequência, há o aumento da pobreza, o crescimento da delinquência, desemprego e outros males que atingem o povo, “(...) o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta.” (GADOTTI, 2011, p. 36).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem o papel da construção curricular para a formação dos sujeitos dessa modalidade de ensino. Além disso, fornece subsídios para que se afirmem como pessoas ativas, críticas e democráticas. O objetivo da EJA é desenvolver o processo de formação humana, social, ao respeitar a cultura, experiência e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida dos discentes, complementando com valores e saberes novos e saberes técnicos e específicos. Na EJA, as disciplinas e cargas horárias são as mesmas da Educação Básica, para que esses indivíduos possam ser inseridos no mercado de trabalho.

Os dados apontam que o perfil dos alunos da EJA é caracterizado por: habitantes das periferias das cidades; moradores da área rural; pessoas marginalizadas e expostas a situações de pobreza; pessoas desempregadas; indivíduos que sofrem com exclusão racial; educação deficitária; famílias mal estruturadas, entre outros fatores.

Geralmente, esses indivíduos não estudaram ou não finalizaram os estudos por inúmeros motivos; eles têm interesse de iniciar ou dar continuidade aos estudos com expectativa

de mudanças, transformações em suas vidas. Essas pessoas acreditam que a educação pode-lhes proporcionar essas conquistas, devido à elevação do nível de escolaridade, para atender ao contexto atual do mercado de trabalho.

A construção do conhecimento do aluno da EJA acontece quando esse sujeito começa a compreender o seu próprio universo, o processo de criação, produção e cultura, se tornando o sujeito do processo, e assim realizando um aprendizado para a vida toda — onde possa expressar suas experiências socioculturais; desse modo, comprova-se que, através desta modalidade, o sujeito consegue conquistar a sua liberdade, o respeito e a transformação da sua vida em plenitude, quando este procedimento for contínuo. Percebe-se, então, que o ato de educar pode ser conceituado:

[...] como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, ocorrendo essa interação no nível intrapessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta em vista esta função, a educação deve voltar-se a uma formação na qual os educandos possam: aprender permanentemente; refletir própria ação exercida (ARANHA, 1997, p. 50).

A EJA possui um foco amplo que visa uma sociedade com equidade e uma educação eficaz. A legislação vigente estabelece que a idade para se matricular na EJA é de quinze anos para o Ensino Fundamental e dezoito anos para o Ensino Médio. A escola é o espaço destinado à educação, um local onde se aprende, ensina, reflete, interpreta, compreende e age com criatividade e criticidade — é nela que se constrói o futuro cidadão. A EJA ocupa o espaço escolar para acolher essa população marginalizada que deseja ter a oportunidade de conquistar seu espaço com conhecimentos, respeito e autonomia para agir na sociedade.

Esse modelo de ensino precisa ser flexível em todos os campos, pois atende a jovens e adultos que já possuem compromissos e responsabilidades, pois esses indivíduos precisam ajudar nas despesas de suas famílias. Esses elementos influenciam as taxas de evasão escolar; porém, é necessário ser perseverante, persistente e ter foco para concluir mais essa etapa da vida. O aprendizado deve ser contínuo, pois o mundo atual sofre alterações constantes; é necessário compreender e interpretar a realidade, estar atento e preparado.

O professor alfabetizador deve utilizar além dos métodos tradicionais pedagógicos, atividades criativas para tornar o ambiente escolar aconchegante, compreensivo e significativo para os alunos, para formar estudantes autônomos dessa linguagem e da escrita. Ensinar não é somente transmitir conhecimento, mas também é aprender com os alunos e somar todo esse conhecimento em aprendizagem mútua; logo, o conhecimento não se transmite, mas se constrói.

O educador deve procurar o melhor meio de ensinar; ele pode beneficiar-se das experiências desses sujeitos como apoio, ao conhecer os seus alunos e utilizar suas experiências no conteúdo — pois é o que eles conhecem e compreendem no momento. É fulcral realizar assimilações, ao trazer para a sala de aula suas dificuldades, interesses e condições socioeconômicas. Cabe, então, ao professor da EJA instigar seu aluno na busca contínua do conhecimento.

Essa é uma forma de manter os alunos interessados e incentivá-los a continuarem seus estudos e se aprofundarem mais nos conteúdos; dessa maneira, os discentes irão adquirir uma aprendizagem significativa e maior autonomia. O cidadão formado pela EJA será o reflexo de um processo cognitivo, crítico e emancipatório, com base em valores como: respeito mútuo, solidariedade e justiça.

Esse cidadão será um sujeito crítico, reflexivo e participativo na sociedade e que valoriza: as conquistas de outras pessoas que também buscam a aprendizagem; o compromisso com a escola pública de qualidade e, principalmente, com a ação pedagógica comprometida; a emancipação de mulheres e homens que reconhecem o valor; e o poder do conhecimento formal, o qual buscam como estratégia para uma vida melhor e mais solidária.

3. O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO NA EJA NUMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste presente capítulo será apresentado os resultados obtidos durante a pesquisa realizada através de questionários e observação participante e será discutido com base nos teóricos apresentados nos textos do segundo capítulo. Desta forma, o objetivo deste capítulo é analisar os dados da pesquisa debatendo com os teóricos que tratam da modalidade de educação de jovens e adultos.

Para melhor compreensão dos dados obtidos e resultados alcançados será aqui abordado o conceito e a importância da EJA na concepção dos sujeitos; as concepções de alfabetização no campo pesquisado; os métodos de ensino na alfabetização dos alunos do 1º segmento da EJA; e os desafios enfrentados para alfabetização dos alunos da EJA.

3.1 O CONCEITO E A IMPORTÂNCIA DA EJA: A CONCEPÇÃO DOS SUJEITOS

A educação de jovens e adultos foi criada para ajudar as pessoas que tenham a necessidade de voltar a escola e seguir seus estudos, dando a oportunidade de se alfabetizar ou terminar seus estudos, mesmo que não seja na idade certa, pois a educação é o direito de todos e cada esforço vale muito a pena. O Brasil ainda apresenta um índice muito grande de analfabetismo e por trás dessa problemática há um histórico de exclusão e negação de direitos, mesmo com as conquistas na área da Educação como direito social.

Atualmente os brasileiros têm a oportunidade de se alfabetizar independentemente da idade, pois o governo criou a modalidade da EJA justamente com o intuito de ajudar as demais pessoas que tenham necessidade e querem voltar a escola. Para essas pessoas que querem voltar a escola se torna um desafio devido suas condições, responsabilidades e dificuldades para conciliar trabalho, estudo e casa, acarretando no alto índice de evasão de alunos da EJA.

Mas a modalidade da educação de jovens e adultos (EJA) é muito importante para cada discente matriculado, pois a enxergam como uma oportunidade que não tiveram quando eram adolescentes e passam a se sentir incluídos na sociedade a partir de sua escolarização.

O estudo se torna importante na vida de cada ser humano e a falta de oportunidade para obtê-lo representa violação de um direito humano e social e a exclusão do mundo letrado

e da sociedade do conhecimento. Torna-se necessário conhecer nesse sentido a concepção de EJA para os sujeitos e qual a sua importância.

Primeiramente cabe apresentar a concepção e importância da EJA das professoras entrevistadas

A EJA é uma modalidade importante, pois através da EJA que muitas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar voltam para a escola. Esses voltam para a escola com a esperança de terminar os estudos e ter uma profissão melhor e ser alguém capacitado diante a sociedade.

(Professora A, 41 anos, 2023)

É uma modalidade de ensino destinado aos alunos (Jovens, Adultos e idosos) que não tiveram acesso à educação na idade apropriada para possibilitar sua qualificação e conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho.

(Professora B, 32 anos, 2023)

A EJA é uma oportunidade para enriquecer seu conhecimento e melhorar suas competências e habilidades profissionais, bem como incluir e corrigir as desigualdades sociais, dando novas oportunidades quem não teve chance em continuar seus estudos na idade certa.

(Gestor da escola, 58 anos, 2023)

As docentes e o gestor concebem a EJA como uma modalidade de ensino que vem para atender pessoas que não usufruíram do direito à escola por omissão do Estado que negou a eles esse direito que é de todo cidadão brasileiro. É uma garantia de direito historicamente negado para combater o analfabetismo, propiciar novos conhecimentos sem desvalorizar os conhecimentos oriundos de sua vivência prática no grupo social e contexto em que se insere, todavia explorando-os para alfabetizá-los e letrá-los significativamente. A EJA é a possibilidade de escolarização para o jovem e o adulto que trazem experiências de vida, um ponto inicial para o processo ensino-aprendizagem

O gestor acrescenta apresentando a EJA como um direito que vem para corrigir e combater as desigualdades tanto educacionais como sociais na medida que oportuniza aos alunos da EJA a formação intelectual, moral, cidadã e profissional, facilitando sua inclusão na sociedade e seu acesso aos diferentes espaços de vivência e profissionalização. Como disse a professora B, inserindo-se no mercado de trabalho com formação e qualificação e acréscimo conscientização da condição humana, política e sociocultural.

A EJA como possibilidade é o que Freire (2001, p.20) defende quando enfatiza que:

[...] a história como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido

de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia.

Concordo com Freire sobre o papel fundamental na educação, pois sem ela a pessoa fica a margem da sociedade letrada que se vive, considerando que a leitura e a escrita são elementos imprescindíveis à comunicação e à inclusão na sociedade atual.

Para os alunos A,B,C e D a EJA é a chance de retorno às aulas ou de acesso à escola para obter a formação tão exigida pela sociedade em menor tempo que o ensino regular, todavia a resposta do aluno C expressa bem a importância da EJA quando diz: *“a EJA é importante para ser respeitado é preciso pelo menos assinar o nome da gente, pois se passa vergonha quando sujando o dedo com tinta para colocar nossa digital no papel e todo mundo fica olhando. É o que acontece quando se vai votar, abrir conta no banco e assinar boletim do filho da gente, por exemplo”* (AlunoD).

O sentimento de exclusão, rejeição, inferiorização e de desvalorização move os jovens e adultos não escolarizados a buscar o acesso à EJA, tanto para obter os conhecimentos da leitura e escrita e de seus direitos e deveres quanto para ampliar e acelerar sua formação escolar e facilitar sua comunicação, conforme falas abaixo

O estudo trouxe conhecimento como a leitura, como assinar o nome também forma de ficar sabendo dos meus direitos deveres e obrigações não só para mim mais para todos nós. (Aluno A)

Pelo estudo tenho facilidade de me comunicar. (Aluno B)

Eu parei na quarta série e não tive oportunidade de estudar na minha adolescência. A EJA agora é a chance de terminar meus estudos. (Aluno C)

O estudo trouxe conhecimento como a leitura, como assinar o nome também forma de ficar sabendo dos meus direitos deveres e obrigações não só para mim mais para todos nós. (Aluno D)

Diante das respostas se nota o quanto consideram importante o estudo a partir da EJA e que traz alguns benefícios para eles e de alguma forma coopera para o seu desenvolvimento na sociedade. Os alunos (a) A, B, C e D compartilham o quanto a escola é fundamental na vida de cada um deles, pois aprenderam a ler, escrever e ampliaram seus conhecimentos facilitando sua vida em sociedade

3.2 OS MÉTODOS DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DO 1º SEGMENTO DA EJA

Discorrendo sobre os métodos de ensino e ações realizadas, o gestor da Escola Municipal professora Jociêdes Andrade relata que a gestão busca sempre adequar o funcionamento da escola às necessidades dos educandos, visando assim o melhor desenvolvimento das habilidades dos alunos, para que haja um melhor aprendizado. Com isso, para que de fato haja um bom aprendizado a gestão orienta os docentes a incorporarem em suas aulas atividades diferenciadas, lúdicas que envolvam palestras, jogos e entre outros métodos a ser utilizados. Atividades que trabalham os três eixos: Cultura, trabalho e tempo.

A docente A da turma observada trabalha de diversas formas, seguindo os seus planos. A mesma valoriza a interação e o diálogo com a turma, realizando diversas atividades que facilitam o entendimento e a aprendizagem dos alunos, aprofundando seus conhecimentos prévios. Segundo Freire (2001, p.60) “[...] o educando, junto com o educador vai reaprendendo o seu contexto e vai pensar alternativas de mudança.”

A metodologia docente é essencial para garantir um ambiente prazeroso e de aprendizagem, mas o que os sujeitos falam sobre os métodos utilizados? Primeiramente cabe saber o que vem sendo feito no âmbito da gestão. O gestor contribuiu sobre essa questão dizendo:

A gestão busca sempre adequar-se às necessidades dos educandos, visando o melhor desenvolvimento de suas habilidades. Incorporar atividades diferenciadas que envolvam palestras, jogos, conforme seus conhecimentos e suas realidades. Atividades que trabalham os três eixos: cultura, trabalho e tempo. (Gestor, 58 anos, 2023)

Sabe-se que tudo começa pela gestão e se a escola tem uma boa administração a mesma está fadada a ter sucesso. Adequar a organização da escola às necessidades do aluno torna-se fundamental para o sucesso de cada um, principalmente no caso dos alunos do 1º segmento que são jovens e adultos (inclusive idosos) trabalhadores e com famílias já constituídas e em alguns casos além do cansaço ainda apresenta problemas de saúde como problemas de visão, audição, dentre outras. No caso da turma observada a faixa etária dos alunos era entre 27 e 55 e quando era as 21h já estavam com sono devido acordarem cedo para trabalhar.

A escola para atender esse alunado funcionava das 19h às 21h30, saindo às vezes as 21h com atividade repassada pela professora. Esse tempo era flexível considerando a

produtividade dos alunos. O gestor também ressaltou que os docentes da EJA eram aqueles que mais se identificava com a modalidade de ensino o que favorecia o trabalho educativo na turma.

Mas quem eram esses docentes? Como já apresentado no capítulo anterior as docentes, sujeitos da pesquisa, têm formação específica que é o curso de pedagogia, considerando serem alunos do I segmento (do 1º ao 5º ano), bem como especialização em psicopedagogia e psicologia que favorecem à compreensão do comportamento, das necessidades e do processo de aprendizagem de alunos na fase de desenvolvimento em que se encontram.

As docentes não tinham uma especialização ou curso na área específica, mas a formação inicial em Pedagogia abordou a modalidade de ensino a partir de disciplina específica (Educação de Jovens e Adultos) e das disciplinas pedagógicas como Pedagogia, políticas educacionais, legislação do ensino básico, didática, dentre outras. Essas disciplinas foram estudadas por mim no meu processo de formação em Pedagogia.

A formação inicial é fundamental, todavia a formação continuada é essencial para aperfeiçoamento metodológico do fazer docente na etapa ou modalidade que o docente atua. Cabe ao professor fazer com que seus métodos e suas didáticas sejam prazerosas para seus alunos que por terem experiências de vida gostam de participar ativamente discutindo, dialogando sobre assuntos de sua realidade. Segundo Freire (2001, p.108)

O conhecimento se constrói no diálogo entre educadores e educandos, a partir do contexto concreto que estão inseridos. Esse momento de contextualização é preparatório para pensar as ações de mudança, é o tempo de aprofundar a leitura de mundo, contextualizando o saber que será produzido no diálogo libertador.

Para este fim a metodologia deve ser dialógica como disse Paulo Freire. Os docentes que participaram da pesquisa falaram um pouco sobre seus métodos de ensino na EJA:

Tento realizar diversas atividades que facilite o entendimento e a aprendizagem dos alunos, aproveitando seus conhecimentos prévios. (Professora A, 41 anos, 2023)

O método usado é para contribuir, a fim de que os alunos possam atingir os objetivos em relação a um conteúdo específico que parte da sua realidade, tendo como resultado a assimilação dos conhecimentos e desenvolvimentos das capacidades cognitivas e operativas dos alunos, sempre levo para os alunos dinâmicas, reflexões de motivação e tenho uma boa relação professor-aluno. (Professora B, 32anos, 2023)

As professoras dizem trabalhar de forma a contribuir com a aprendizagem dos alunos, mas apenas a professora B cita algumas ações metodológicas como dinâmicas, mensagens

motivadoras. Todavia ambas ressaltam trabalhar os conhecimentos prévios deles para desenvolver suas capacidades motoras e cognitivas.

Com relação a Professora A como era a docente da turma observada pude verificar que busca métodos eficazes, inovando seus métodos em prol a realidade dos alunos da EJA, com o intuito de facilitar a aprendizagem de cada um, trazendo sua realidade para ser trabalhada, valorizando-os como pessoas experientes com caráter e identidade formada. Ela trabalhava com leitura (individual e em grupo) em livros didáticos e no quadro, escrita no quadro pelo professor e pelo aluno, atividade no quadro para ser copiada e respondida no caderno com posterior correção pela professora, explicando o conteúdo de forma coletiva e individual, fazendo ditados, exercícios de formação de palavras e frases com as famílias silábicas estudadas e com as questões ortográficas e gramaticais trabalhadas, fazendo dinâmicas, usando cartazes para leitura diária (com imagens, letras, sílabas, palavras e frases), relacionando com elementos da realidade dos alunos e os indagando sobre o assunto para dar significado e importância ao conteúdo trabalhado

Na visão de Freire (1989, p.72)

[...] a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler, com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. [...] implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar.

O professor além de procurar vários argumentos e instrumentos para realizar seu trabalho com êxito, o mesmo não pode esquecer da sua flexibilidade com os demais e está pronto para o novo desafio diante da turma, conhecer a história de cada um dos discentes, procurar trabalhar em cima de situações na qual muitos se encontram, até mesmo buscar motivar para que não ocorra desistência escolar. No caso dos alunos da professora A que responderam o questionário a metodologia docente era satisfatória, pois disseram:

No meu ponto de vista, o método de ensino é bom, mais ainda falta avançar muito, pois o estudo é uma das coisas fundamentais e de grande importância em nossas vidas. O estudo é conhecimento que abre as portas de trabalho.
(Aluna A, 37 anos, 2023)

O método é bom, boas dinâmicas cordialidade da professora com os alunos. Esse conjunto em si, faz o aluno se sentir confortável.
(Aluno B, 48 anos, 2023)

*Acho que é pouco tempo que dão para uma matéria, mais em fim por ouro lado é bom para que a gente possa ser mais ágil na sala de aula.
(Aluno D, 33 anos, 2023)*

A metodologia na EJA carece de um olhar diferenciado. Os métodos usados pelos professores e a sua didática são fatores essenciais para desempenhar um bom trabalho. A **aluna A, B e D** discorrem sobre o quanto o estudo é importante na sua vida e as oportunidades na qual lhes trouxe e se não tivessem ao menos se alfabetizado não teriam tanta oportunidade. Sabe-se que a sociedade atual é preconceituosa e excludente com quem não sabe ler e escrever não tendo oportunidade de se inserir no mercado de trabalho.

Vale ressaltar que a docente falou que os métodos de ensino deveriam ser diversificados, pois cada um tem uma forma e um tempo de aprender que é mais lento que o da criança, por isso sempre ia focando no tempo de cada um aprender. Para ela o que favorece ou dar agilidade no processo de alfabetização dos alunos da EJA é partir da sua realidade concreta, o que deixa a aula muito dinâmica e participativa. Segundo Freire (2001, p.59) argumenta que:

O educando tem história de vida, o educando vem de um contexto concreto, de lugar de vivência, onde ele já tem um conjunto de aprendizados diferentes do professor, que tem o papel diretivo dentro desse processo. E esse encontro de saberes, também a gente chama de diálogo de saberes, é que acontece uma nova práxis pedagógica, portanto, o ato do professor não é mais de depositar conteúdo, conhecimento, mas de construir.

Além de ser o mediador do conhecimento o docente deve ter suas metodologias diferenciadas e contextualizadas. Valorizar o conhecimento que cada um apresenta e incorporar ao conteúdo trabalhado para conhecer a realidade do aluno e ter o ponto de partida de sua aula vai ampliar a possibilidade da construção de um espaço de um diálogo e da relação entre professor-aluno.

Portanto, a EJA é uma modalidade onde se trabalha metodologias e conteúdo da realidade do aluno relacionando com os conhecimentos científicos e historicamente construídos, considerando e respeitando o tempo e as experiências obtidas pelos jovens e adultos durante a vida social e mostrando aos mesmos a importância que a educação tem para a construção de melhores condições de vida. É claro que o docente vai aprimorando sua prática na medida que também vai obtendo experiência profissional na EJA e construindo sua identidade docente. Como diz Freire (1989, p.09) “O professor aprende a ser professor com seu

aluno. As relações dos alunos motivam o professor a manter ou mudar seu trabalho. É no esforço para mais bem compreendido pelo aluno que o professor aperfeiçoa sua maneira de ensinar [...].”

3.3 OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DA EJA

Pensar nos desafios enfrentados para a alfabetização dos alunos da EJA é pensar que esses alunos não chegaram a ter oportunidade de estudar quando eram mais jovens e quando retornam vem com interesse de aprender, mas sem conhecimento ou domínio da escrita e da leitura (analfabetos funcionais) e com limitações provocadas pela idade, pelo trabalho, pela falta de saúde, pelo cansaço, dentre outras.

Teixeira (2005, p.25) diz que:

Os adultos vivem a realidade do dia a dia. Portanto, estão sempre propensos a aprender algo que contribua para suas atividades profissionais ou para resolver problemas reais. O mesmo é verdade quando novas habilidades, valores e atitudes estiverem conectadas com situações da vida real.

Esses alunos não tiveram a oportunidade de passar por uma escola na infância e na juventude e, na idade adulta, se torna bem mais difícil esse aluno aprender a ler, escrever e interpretar. As dificuldades para alfabetizar esses alunos são maiores, mesmo que no seu dia a dia e no ambiente de sua convivência eles estejam rodeados de informações de leituras e interpretações. Na idade adulta, em virtude das diversas responsabilidades, as dificuldades de aprendizagem da leitura, escrita e interpretação são gigantescas.

Os alunos que tiveram a oportunidade de estudar quando eram mais jovens, chegam basicamente com domínio da leitura, mais sentem dificuldades em produzir e interpretar textos. Os alunos que não passaram pelo banco de uma escola chegam sem saber ler, escrever e interpretar. (Professora A, 41anos, 2023)

Durante as observações realizadas verifiquei que poucos alunos do 1 segmento sabiam assinar o nome, fazer leitura, tirar do quadro e interpretar textos. Porém interpretam a realidade atual e mundial com olhares diferenciados sabendo expor seus pensamentos e opiniões.

Os saberes empíricos e tradicionais eram explícitos e eram socializados na turma. Vale dizer que não existem pessoas totalmente analfabetas, pois até uma criança dos anos iniciais chega em sala de aula sabendo alguma coisa, pode não saber ler e nem escrever seu nome, mais

sabe interpretar uma imagem e falar sobre conhecimentos da sua realidade empírica. E na EJA não é diferente nesse quesito, por isso o currículo deve ser diferenciado.

Os jovens, adultos e idosos chegam na escola com uma bagagem cultural enorme e os professores devem trabalhar a partir de seus conhecimentos prévios, pois as experiências vividas influenciam bastante na vida dessas pessoas e acabam ajudando e facilitando no processo ensino e aprendizagem

Freire (1996) argumenta que por isso mesmo pensa certo o professor ou a escola que respeita os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, ou seja, os saberes socialmente construídos por eles na prática comunitária. Isso se justifica, pois assim como os alunos aprendem com o professor, o professor aprende com seus alunos, então entra a relação dos professores com os alunos e a necessidade de afinidade para com eles para que a alfabetização se processe significativamente.

Mas será que os alunos se consideram alfabetizados? Os alunos A,B e D responderam que sim, apenas o C disse que não. Os que disseram sim justificam-se por saber ler e escrever mesmo que apresentem alguma dificuldade na leitura e na escrita ainda.

A **aluna A** se sente alfabetizada, pois sabe ler e escrever aos seus 37 anos, sem contar com os conhecimentos e habilidades que ela adquiriu no decorrer dos anos. Disse que não conseguiu concluir os estudos, pois teve o primeiro contato com a escola com 8 anos de idade e passou apenas um ano estudando, sendo depois tirada aos 9 anos e levada para outro município para trabalhar como doméstica.

JÁ o **aluno B** se sente alfabetizado com limitações, ele relata que não gostava de estudar e quando a mãe mandava para a escola ia para a casada avó e resolveu retornar a escola aos seus 48 anos. Atualmente já ler e escreve o suficiente para se comunicar e fazer as tarefas da escola.

A **aluna C** respondeu que não se sente alfabetizada, pois seus pais não tinham recursos para ela e os irmãos. Todos moravam no interior e ela era de família humilde. Viviam do plantio e pesca e a vida dela era ajudar os pais para o sustento de casa não tendo tempo para ir à escola. Aos seus 43 anos resolveu dar o passo inicial que foi voltar para a escola e está com um ano estudando atualmente sua idade é de 44 anos de idade. Mas não consegue assimilar com facilidade o que é ensinado e, por isso, pouco ler e escreve. Por isso ainda não se considera alfabetizada.

A **aluna D** relata que também se sente alfabetizada, pois sabe ler e escrever, mas isso para ela não é o suficiente. Esse seria uns dos motivos pelo qual optou em voltar a escola. A mesma disse que se casou muito cedo e logo engravidou, então não teve como continuar os

estudos. Virou dona de casa e resolveu viver em prol ao lar, cuidando de casa e filhos, mas atualmente assim como os demais decidiu voltar a escola aos seus 33 anos.

Os alunos expõem seus pontos de vistas enfatizando que voltar a estudar foi a melhor decisão tomada para não se sabotar mais, devido suas idades e trabalhos diários. Segundo o autor Barreto (2003, p.19): “conhecer dar trabalho, e isso exige esforço [...], na EJA, isso é muito sério porque os alunos e alunas chegam á sala de aula por decisão própria deles e da mesma forma que chegam podem ir embora. [...]”

Trabalhar com a modalidade da educação de jovens e adultos é um desafio muito grande, porque se estar lhe dando com pessoas adultas que tomam suas próprias decisões, como já citado e, além disso, são discentes cheios de responsabilidades e sobrecarregados devido o cansaço diário e preocupações.

Com isso, ocorre bastante a evasão escolar e para que diminua essa evasão devemos trabalhar a motivação, não apenas esses dois fatores porque há vários outros e um está interligado ao outro, e isso precisa de uma análise profunda de toda equipe escolar para combater essa problemática escolar. O gestor da escola onde fiz o levantamento de pesquisa, foi bem claro quando disse que os grandes problemas da alfabetização seriam a *falta de materiais didáticos específicos; metodologia docentes, baixa autoestima dos estudantes e heterogeneidade* das turmas, estes também condicionantes para a evasão que acaba sendo um desastre na educação. Já as docentes apresentaram como desafios para a alfabetização na EJA o seguinte:

A diferença de idade entre os alunos; a baixa autoestima dos alunos; o cansaço; a assiduidade e principalmente as diferenças formas de aprendizagem. (Professora A, 41 anos, 2023)

São muitos, como por exemplo, a diversidade cultural, a diferença de idades, o cansaço, a baixa autoestima dos estudantes. (Professora B, 32 anos, 2023)

Segundo Carmo (2010, p.10)

[...] não só porque abrange os indivíduos que não mais voltam a escola, mas, principalmente, porque suas causas não se restringem a aspectos individuais de aprendizagem, ou de dificuldades didáticas do professor ou do conflito estudo\trabalho. Vão além, abrangem causas de caráter político, social e econômico, expressão dos desencontros entre a cultura escolar, a cultura popular, a cultura dominante e as relações desiguais de poder e sociais daí derivadas.

Dessa forma, um conjunto de fatores dificultam a alfabetização dos alunos da EJA. As responsabilidades recaem sobre a instituição escolar, e a peça fundamental para amenizar é o gestor com toda equipe reorganizar o tempo, os espaços, o currículo da EJA e a formação continuada e em serviço dos docentes. Os professores além de inovarem seus métodos precisam conhecer cada discente, pois o docente não é apenas um mediador, e sim, uma figura na qual os alunos podem contar como profissional para facilitar sua aprendizagem, a continuidade dos estudos e sua formação escolar e humana.

Freire (1995, p. 35) ressalta que:

Existe uma diferença entre ser professor e ser educador. O professor é um profissional comprometido apenas com o conhecimento e conteúdo. O educador é um profissional comprometido com o conhecimento a fim de evoluir a consciência do ser humano na sua complexidade.

Sabe-se que desafios sempre terão, ainda mais por serem pessoas com uma grande bagagem de vida e sabemos que assim como se torna um desafio para os profissionais é um desafio para os alunos também. Não é fácil para essas pessoas conciliarem tantas responsabilidades e isso as deixam cansativas, tanto física como mentalmente e essas situações precisam ser consideradas para repensar as metodologias de ensino na EJA, dando um real e eficiente suporte educacional para esses alunos.

Todavia é fundamental a escola considerar as peculiaridades dos discentes da modalidade da EJA, direcionando um olhar diferenciado a essas pessoas, não um olhar de crítica e de indiferença, mais um olhar de amor e solidariedade, complexidade, motivação e apoio, dando suporte para que esses alunos, mesmo em meios as dificuldades enfrentadas tanto no âmbito social, familiar e até escolar, possam continuar caminhando em prol de seus sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que desde o surgimento dessa modalidade de ensino passou por várias modificações, mas ainda assim deixou muito a desejar em vários aspectos, mesmo que seu objetivo seja permitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade, mas nem sempre isso acontece.

A importância de se investir na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, parte do princípio no reconhecimento dessas pessoas como sujeitos de um direito universal que, em virtude de situações de desigualdades, lhe foi negado no passado e é dificultado no presente. Muitos se sentem humilhados pelas condições de vida, a necessidade em trabalhar, reprovações sucessivas, por não se adaptarem às normas da escola, por não conseguirem aprender com urgência o necessário para sobreviver.

A sociedade vê estes jovens e adultos analfabetos como um fardo que causa muita preocupação, mas poucos projetos que promovam resultados eficientes foram implementados. Ao retornar à escola ou iniciar a vida escolar, este aluno não quer apenas ser alfabetizado, busca acesso a vários conhecimentos que serão importantes para que conheça o mundo em que vive e que saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos, daí importância de metodologias e professores, atuando de forma articulada na perspectiva de formar para um fazer crítico reflexivo e criativo, onde o preparar para continuar aprendendo seja uma ferramenta utilizada no fazer pedagógico de todos e de cada um.

É preciso que políticas públicas sejam tomadas como instrumento de direitos, na área da educação, dirigidas a estas pessoas, que não tiveram oportunidade de estudar. Isto implica em admitir que um direito universal só se realize quando são reconhecidas e acolhidas as especificidades daqueles que não são atingidos pelas ações gerais na formulação da ação do Estado.

Após conversas com gestor, professoras e alunos, percebeu-se que os alunos tem força de vontade, apesar das grandes dificuldades do dia a dia com seus trabalhos diários. Para sustentar suas famílias, a maioria tem se dedicado aos seus estudos, onde algumas vezes faltam, mas nada que venham atrapalhar em seus estudos. Os professores possuem um diálogo de parcerias, expondo a importância do continuar, a importância do não desistir, pois apesar das dificuldades precisam seguir e se formar, para futuramente conseguir um trabalho mais digno.

No caso da pesquisa cabe dizer que os objetivos foram alcançados, pois foram apresentadas as concepções e importância de EJA para os sujeitos, as metodologias docentes para a alfabetização dos alunos e os desafios enfrentados na alfabetização dos alunos da EJA.

Mesmo com toda trajetória tudo parece já ter sido feito, reconhecemos que o caminho é longo, é preciso vislumbrar novos horizontes na incessante busca da erradicação do analfabetismo em nosso país, pensando sempre em proporcionar aos alunos uma educação de qualidade, que vá além da leitura e escrita, mas que o torne um ser completo, pensante capaz de contribuir para o próprio aprendizado.

REFERÊNCIAS

ARANHA, A. V. S. **O conhecimento tácito e a qualificação do trabalhador**. Revista Trabalho e Educação, Belo Horizonte, n. 2, p. 12-30, 1997. Disponível em: www.repositorio-ufpb.br/jspui/bitstream/POM28062018. Acesso em: 13 julho. 2022.

ARROYO, Miguel. **Formar educadores e educadoras de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio et al. Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, p. 2001. 296. Disponível em: . Acesso em: Julho de 2022.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **EJA, Educação de Jovens e Adultos: aprendizagem ao longo da vida**. 2009.

BARRETO, Maribel Oliveira; BESERRA, Valesca. **Trajetória da Educação de Jovens e Adultos: histórico no Brasil, perspectivas atuais e conscientização na alfabetização de adultos**. Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 164-190. Disponível em: < 113 http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/10_TRAJETORIA_EDUCACAO_JOVENS_ADULTOS.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP, nº 05 de 13 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf. Acesso em 22 junho. 2022.

CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CORTADA, Silvana. **EJA- Educação de Jovens e Adultos em seus Diferentes contextos**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo: Cortez, 2016.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: cortez, 2004.

FERREIRO, Emilia, **Los Adultos no alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura**. México, Instituto Pedagógico Nacional, 1983. _____ Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1987.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes médica sul, 1999.
LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando: uma experiência na Pastoral da Criança**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FONSECA, Solange Gomes da. **Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação**

o de Jovens e Adultos (EJA). *Pedagogia Online*. 2010. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1234#.VjNH_NKrTMz. Acesso em 25 junho. 2022.

FREIRE, P. A. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo, Cortez, ed. 49, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José (org.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.** São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: www.acervo.paulofreire.org>FPF_PTPF_12_081. Acesso em: 13 julho. 2022.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil.** edições MEC/UNESCO. 2012.

LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa: alfabetização.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento.** Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007. RIOS, Zoé;

NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões.** Revista Educar. Editora UFPR Curitiba, n° 31, p. 169- 189, 2018.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Coord.). **Educação para Jovens e Adultos. Ensino Fundamental – propostas curriculares para 1º segmento.** São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis: Vozes, 37ed. 2014.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia Dialética: de Aristóteles a Paulo Freire.** Brasiliense, São Paulo, SP –Brasil, 1983.

SOARES, M. G. R. **As múltiplas facetas da alfabetização. In: Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contextos, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2 ed., 11reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização/Leda Verdiani.** 7.ed.-São Paulo, Cortez, 2005.- (Coleção Questões da nossa época; v.47).

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO PARA O GESTOR

Nome: _____

Formação: _____ Especialização: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

1) Em sua opinião, o que é Educação de Jovens e Adultos?

2) Qual a importância da EJA para a sociedade?

3) A escola oferece um currículo diferenciado para EJA??

4) Quais as ações gestonárias que visam melhorar o ensino da EJA?

5) Como se da a relação da gestão com a coordenação, e os professores da EJA?

6) Quais os desafios enfrentados na EJA?

7) Como se da a relação da gestão com os discentes?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR

Nome: _____

Formação: _____ Especialização: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

- 1) Tempo de atuação na área do ensino na EJA?

- 2) Qual a sua concepção da educação de jovens e adultos?

- 3) Você fez alguma formação continuada voltada ao ensino da educação de jovens e adultos?

- 4) Em sua opinião, o que é alfabetização?

- 5) Quais desafios postos para a alfabetização na EJA?

- 6) Todos os alunos chegam no 1º segmento alfabetizados (lendo, escrevendo e interpretação)?

- 7) Discorra sobre seu método de ensino/aprendizagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

QUESTINÁRIO PARA ALUNO (A)

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

- 1) Você se sente alfabetizada?

- 2) Porque vice não teve acesso a escola na idade própria?

- 3) O que os estudos trouxeram de benefícios á sua vida?

- 4) O que você acha sobre o método de ensino aplicado em sala? Discorra.

1. MEMORIAL

O referido memorial é uma atividade acadêmica que tem por finalidade a descrição de minha trajetória de vida e acadêmica, desde a infância até a minha juventude, descrevendo o meu ingresso na Educação Básica, Anos Iniciais e principalmente a entrada na graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas pelo Instituto de Natureza e Cultura.

Nessa perspectiva, o memorial¹ tem por objetivo apresentar os momentos importantes na minha vida em todos os aspectos, principalmente nas fases de desenvolvimento e aprendizagem, entendendo que o mesmo é um dos pontos mais significativos que existe, devido às lembranças que temos durante a trajetória expondo fatos importantes, desafios e vitórias que nos possibilitou a chegar até aqui, dando possibilidade para outras pessoas conhecerem a minha história através do meu trabalho.

Diante do exposto, o memorial sendo um documento pessoal se torna importante na vida do acadêmico, é o momento onde faz a retrospectiva de sua vida diante, todos os acontecimentos que descreve os primeiros passos para o sucesso, *pois não há sucesso sem sacrifícios e não a luta sem sofrimento*. São relatos que mostram a realidade do acadêmico vivida e serve até de motivação e reflexão para outras pessoas.

1.1 AUTOBIOGRAFIA

Eu, Adriana Mariano Holguim, nasci no dia 03 de outubro 1996, em um Hospital que fica localizado em Letícia-Colômbia que faz fronteira com o município de Tabatinga-AM, mais conhecida como Tríplice fronteira entre os países do Brasil/Colômbia/Peru.

Neste sentido, fui registrada no cartório do município de Tabatinga, 03 dias depois do meu nascimento, com a nacionalidade brasileira, sendo filha do senhor Ângelo Carlos Holguim Gomes, que é mecânico e Marlene da Silva Mariano, autônoma que devido as dificuldades tiveram pouca oportunidade de estudo e tiveram que sair cedo de pertos dos seus pais para tentar melhorar de vida.

¹O memorial é um documento importante na vida acadêmico-profissional porque mostra a trajetória do sujeito da aprendizagem relacionada com os fatos e aspirações pessoais, com seus projetos de vida. É um documento pessoal, escrito na primeira pessoa do singular, na forma discursiva e reflexiva. Barbsa e Mike, 2007, p.115

Entretanto, somos 7 irmãos 4 mulheres (Mirlane, Nubia, Tatiana e Adriana) e 3 homens (André, Andry e Adriano). Durante minha infância até meus 8 anos de idade, moramos no município de Tabatinga-AM, após a separação de meus pais, passamos a residir no município de Santo Antônio do Içá, devido os familiares de minha mãe que residiam no município e que acolheram ela com todos os filhos, naquela época não tínhamos casa própria e éramos todos pequenos inclusive minha irmã mais nova tinha 2 anos de idade.

Neste sentido, minha avó havia dado um pedaço de terra para minha mãe construir sua própria casa, para nos criarmos, em certo momento meu pai ainda ajudou a construir até se envolver com outra pessoa.

Não deixando de mencionar minha avó, que tenho um amor enorme por ela, que foi uma mulher batalhadora, guerreira que criou seus filhos sozinhos, ficou viúva cedo desde aí não teve mais nenhum relacionamento, naquela época ela não tinha o que oferecer para seus filhos, tanto que era analfabeta, mesmo depois de certa idade tentou se alfabetizar, mas resolveu desistir, lembro bem que era aos sábados que ia a escola. Desta forma, menciono a saudade que ela deixou para a nossa família, penso que partiu cedo deixando uma tristeza e um vazio enorme dentro do meu peito.

Saliento que minha mãe, cursou até o ensino fundamental, chegou em um ponto onde teve que parar, não tinha condições de continuar devido as dificuldades, mesmo assim, depois que separou de meu pai ainda tentou, porém já vivia cansada, sendo que trabalhava como autônoma para dar o sustento de casa, era cansativo e optou por desistir e se dedicar a nossa criação, passou alguns anos, conheceu meu padrasto que fez o papel de pai ajudando a nos criar.

Lembro-me bem que minha mãe fez um comercio em casa para ver se dava saída trabalhar com estivas só que não deu certo, depois começou a fazer pão para vender e também não deu certo, a única coisa que deu certo até hoje foi trabalhar com salgados, pois ela começou de pouco e hoje produz em alta quantidade.

Minha mãe também foi e é uma mulher forte, chegamos a passar dificuldades, mesmo assim ela nunca desanimou, sempre tentava e buscava aprender fazer qualquer coisa que aumentasse a renda para levar o sustento para casa, meu padrasto por ser autônomo também dava um jeito e pescava para ajudar no sustento, foi um tempo difícil com vários espelhos dentro de casa para se espelhar.

Sabemos que a vida não é fácil mais desanimar na primeira dificuldade que o mundo impõe não vale a pena. E eu sou grata por tudo que passamos, pois aprendemos a dar valor nas coisas simples e no pouco que temos as dificuldades sempre vem para mostrar o quanto somos

fortes e capazes para seguirmos e tudo isso aprendi com minha mãe que mesmo tudo dando errado não desanimava.

Nesse sentido, ela tentou dar a melhor educação que pode e cumpriu com o seu dever juntamente com meu padrasto (Paulo Peres da Silva) que se tornou uma figura de pai para mim e por ele criei um afeto enorme, mas apesar de tudo gosto do meu pai, tenho carinho, apesar que foi quase um abandono que ele fez com a gente, mas estamos aptos a errar, sei que nada justifica, mas isso não vem ao caso.

1.2 FORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fui alfabetizada aos quatro anos de idade, no ano de 2000 na Escolinha particular Mundo Encantado, não tive problema na aprendizagem era uma menina dedicada em fazer minhas tarefas de aula e aprendia as coisas rápidas.

Aos meus seis anos de idade, no ano de 2002 a 2004 passei a estudar na Escola Municipal Maria Batista Lopes, onde fiz a 1ª e 3ª série que atualmente chamamos de 4º ano, nunca tive reclamações sempre fui obediente, todas as vezes que minha mãe ia nas reuniões sempre ouvia elogios, desde pequena sempre tive um sonho, era ser alguém e dar uma vida boa para minha mãe.

Nesta perspectiva, aos meus nove anos de idade, no ano de 2005, comecei a estudar na Escola Estadual Pedro Teixeira, onde estudei quase todo o ensino fundamental, tive um bom ensino e aprendizagem, as professoras(o) sempre inovava seus métodos em sala de aula, utilizavam os livros educativos, para fazer alguma atividade, mas o conteúdo a ser explanado era de uma forma diferenciada criativa, buscavam sempre usar coisas novas, onde toda a turma tinha o prazer de participar.

Aos meus 16 anos de idade iniciei meu 1º ano do ensino médio na Instituição Federal de Ciências e Tecnologia-IFAM, ensino Integral. Devido às condições financeiras não concluir o Técnico em Meio Ambiente e voltei para o município onde minha família residia.

Fui estudar em tempo normal o 2º ano na Escola Estadual Santo Antônio, onde passei a morar com minha família durante um bom tempo, no Ensino Médio apresentei várias dificuldades, devido os conteúdos, mas conseguir me adaptar e passei a se me esforça, sendo que tive altos e baixos.

Nesse período, no ano de 2014, fiquei grávida, no 2º ano do ensino médio aos meus 17 anos de idade e acabei desistindo, parei um ano de estudar, porém no ano seguinte retomei

os estudos com minha filha que tinha apenas meses de nascida, sempre a levava comigo, até concluir o ensino médio na modalidade da EJA².

Meus pais sempre apoiaram nos meus estudos, agradeço a eles que sempre cuidavam da minha filha quando podiam, minha família sempre foi a base para minha vida, sempre sonhava ter uma profissão e não depender de ninguém, pois tinha minha filha pra sustentar e as coisas eram difíceis.

Enfim concluir o ensino médio, para mim foi uma vitória terminar os meus estudos e tentar ingressar em uma universidade, sempre fui uma menina sonhadora e movida por sonhos, nunca gostei de esperar nada sempre procurei dar o melhor de mim, sempre tive em mente que o não eu já tinha então teria que correr atrás do sim e devido a isso nada me parou.

Recordo que não tive a formatura dos sonhos, mas dei orgulho para meus pais que apostaram em mim, sempre estiveram ao meu lado durante toda a minha vida, inclusive me ajudando a cuidar e criar minha filha, sendo que quando tive-a, minha vida passou a ser um desafio, tudo mudou, as responsabilidades vieram juntamente com o cansaço, porque não é fácil quando você é mãe solteira e tem que cumprir com suas obrigações.

Diante do exposto, após concluir terminei o ensino médio, e neste sentido, fui trabalhar em uma Panificadora, era um emprego que não davam folga e eu não tinha tempo para nada, parei e pensei. Eu não queria isso para mim e nem pra minha filha, pois coloquei na minha cabeça que ela não iria ser um empecilho, e sim, um dos motivos para ir atrás de algo melhor.

Foi quando resolvi fazer o vestibular (ampla concorrência) no curso de Pedagogia, estava tão determinada no que eu queria, que fiz a prova confiante e no final deu tudo certo.

1.3 A experiência do ensino superior para a prática pedagógica

Este tópico enfatiza as experiências vividas na prática e teoricamente durante o curso de ensino superior, quais contribuições tiveram para nossa formação acadêmica e profissional.

1.3.1 As disciplinas teóricas do curso e sua importância

Ao ingressar na faculdade foi um sonho e uma conquista, mas para que pudesse seguir tive que fazer decisões que hoje me dói ao lembrar, continuaria ou esperava o tempo, minha filha ainda estava com 2 anos e ter que ficar longe dela esse tempo todo abrindo mão da criação e das

²A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que se destina a pessoas que não tiveram acesso ao ensino fundamental ou médio na idade regular, considerando as condições de vida e de trabalho do aluno.

melhores fases da vida dela, foi e é difícil, eu perdi muito, mas perdi porque decidir sair do comodismo pensando em poder dar o melhor a ela.

Dessa forma, me dediquei totalmente não por mim e sim pela minha filha que passou ser prioridade todos os dias da minha vida.

No entanto, não conseguia me identificar com o curso durante a parte teórica, algumas disciplinas como psicologia que já gostava, durante as práticas passei a gostar e fui me encontrando nesse mundo da licenciatura que eu estava perdida, a única dificuldade que tive foi em me identificar e a questão do deslocamento, pois morava no município vizinho.

Saliento que nas práticas de pesquisa, ainda tinha dúvidas em que pesquisar, porém soube o que realmente queria quando cursei a disciplinas fundamentos da Educação de Jovens e adultos (EJA) que foi uma disciplina na qual me identifiquei e despertou curiosidade, a partir de então da prática IV, fui fazendo trabalhando a minha temática na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, no ano de 2020, ocorreu a pandemia do Covid-19³ então paramos quase um ano de estudar, mas retomamos o ensino de forma remota⁴ para que décimo continuidade ao curso, foi uma modalidade desafiadora, pois sabemos que morar no interior e estudar de forma remota, tem que ter força de vontade para aprender. Tudo mudou, pois, tivemos que nos programa novamente por ser uma modalidade diferente.

A partir dos estágios onde fiz voltado para o EJA foi a disciplina do Estágio Supervisionado na Gestão, que foi de suma importância para mim me ajudou a conhecer como era a real situação do EJA, no período seguinte remoto foi a disciplina de estágio na educação infantil, na qual observávamos pelos grupos de watzap e radio, aplicamos a regência de forma remota também e foi uma experiência ótima que contribuiu no meu profissionalismo. Mas a me identifiquei com a modalidade da EJA por ter sido aluna, então estou escrevendo meu TCC voltado para a curiosidade que despertou em mim.

1.4 As práticas da pesquisa pedagógica (I a v)

De início apresentei várias dificuldades para encontrar a minha temática na qual me interessasse e tivesse curiosidade de me aprofundar, todo o tema que escolhia achando que iria

³Pandemia é a disseminação mundial de uma doença, surgindo quando um agente infeccioso se espalha ao redor do mundo e a maior parte das pessoas não são imunes a ele.

⁴Ensino Remoto é todo conteúdo que é produzido e disponibilizado online, que é acompanhado em tempo real pelo professor que leciona aquela disciplina, sempre seguindo cronogramas adaptáveis do ensino tradicional.

despertar curiosidade eu não conseguia me encontrar na pesquisa, tanto que na prática III reprovei.

A curiosidade foi extrema em mim quando cursei a disciplina de Fundamentos teóricos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi a partir desse instante que conseguir definir qual seria meu tema de pesquisa e hoje levo até o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A prática IV cursei de forma presencial, chegando na prática V foi de forma remota, devido algumas disciplinas que eu priorizei e mesmo assim foi uma experiência ótima que pude viver durante as práticas.

1.4.1 Os estágios supervisionados

A partir do 7º período cursei a disciplina de Estágio Supervisionado na Gestão, sendo o meu primeiro estágio, tendo contato com a secretária da Escola Municipal Jociedes Andrade. Foi de suma importância devido a experiência e o aprendizado que absorvemos durante as observações. Na qual fizemos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) notando a grande evasão escolar, tendo acesso ao sistema da secretaria, notas, desistências e entre outros.

Todavia, o Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi com o ensino remoto devido o momento em que estávamos vivenciando com a pandemia do Covid-19, para a segurança de todos. Foi muito desafiador para os acadêmicos, não tínhamos muitos recursos devido a internet ser de péssima qualidade.

Trabalhamos de forma criativa, as observações foram feita na Escola Cesbi na modalidade remota, via rádio e grupos de watzap, acompanhávamos através desses dois instrumentos de tecnologia e desenvolvemos um bom trabalho.

Os meses foram passando e tudo foi amenizando, todos sendo imunizados para que pudéssemos voltar a rotina normal, assim, conseguimos realizar o Estágio Supervisionado nos Anos Inicias presencial. Tornando importante, cada experiência e conhecimento adquirido foi uma forma de esplandecer o aprendizado.